

VERDADES

QUE O TEMPO

NÃO

APAGA

AS RESPOSTAS QUE VOCÊ SEMPRE PROCUROU
MAS NUNCA SOUBE ONDE ENCONTRAR

A sexta-feira começou mais agitada do que o costume. Pôncio Pilatos, o governador da província da Judéia, percorre apressadamente os corredores do seu palácio, dirigindo-se à sala de audiência onde espera interrogar um homem perigoso, acusado de planejar revoltas contra o Império e tentar tomar, à força, o poder das mãos de Roma.

Depois de acomodar-se na sua cadeira de honra, o chefe de estado mandou trazer o tal nazareno suspeito de motim. A sua frente entrou um homem jovem, na casa dos 30 anos, acorrentado, sujo e com vários hematomas pelo corpo que demonstravam que já tinha sido bastante agredido, antes mesmo do julgamento. A sua aparência, ao contrário da descrição dos seus acusadores, não parecia ameaçadora, embora o seu olhar fosse capaz de impor um enorme respeito e transmitisse a confiança de alguém que parecia ter total controlo sobre a situação.

Após uma rápida análise do acusado, o governador perguntou se ele se considerava o rei dos judeus e desejou saber o que ele tinha feito de tão grave para enfurecer o próprio povo, a ponto de desejarem a sua morte. Demonstrando uma lucidez incomum para alguém que tinha passado a noite em claro, o galileu respondeu o óbvio: se eu fosse o rei dos judeus, os mesmos não estariam a tentar matá-lo e sim libertá-lo. Em seguida, afirmou ser representante de outro reino; um estrangeiro que veio ao mundo para dar testemunho da VERDADE.

A resposta, apesar de objectiva, disparou um turbilhão de dúvidas na cabeça do experiente juiz. Não era a primeira vez que interrogava um prisioneiro e com certeza não seria a última ocasião em que daria uma sentença. Estava habituado a ter a vida de outros homens nas suas mãos. Contudo, nunca precisou de lidar com conflitos internos, pois teve sempre a convicção de que estava a agir da maneira certa. Agora apareceu-lhe este judeu maltrapilho, a discursar com autoridade sobre uma “verdade” da qual ele nunca tinha ouvido falar. Aquele oficial de patente elevada, tão familiarizado com a tomada de decisões directas, enfrentava uma crise de consciência.

Após alguns segundos de silêncio, deixou escapar uma das muitas perguntas que inundavam a sua mente: “O que é a VERDADE?”. A pergunta, no entanto, parece ter sido dirigida a si mesmo e não a Jesus, uma vez que, sem esperar pela resposta, o governador deixou repentinamente a sala de audiência para dar a sua opinião aos acusadores.

A semente da dúvida foi plantada, o que brotou incertezas a respeito de tudo o que ele acreditava ser verdadeiro. Ao estar assustado diante de uma

EXPEDIENTE:

Coordenação Geral: Guilherme Moscat de Oliveira | **Editor Chefe:** Alexandre Nunes Lima
Escritores: Alexandre N. Lima, Henrique Simões, Gabriel Gonzalez, Marcos Peter Soares, Rodney Martins, Daniel S. F. Boarim | **Colaboração:** Joelison Nascimento e Cleiton Lima

educação

insegurança que raramente sentia, Pilatos recusou-se a ouvir as palavras que iriam acalmar a sua mente atribulada. Apesar de estar frente a frente com a VERDADE que tanto procurava, optou por dar as costas ao único que poderia libertá-lo daquele labirinto de perguntas.

Talvez duvide da veracidade da cena acima descrita e do próprio Livro onde a mesma se encontra registada (pode encontrá-la em João 18:28-38). Todavia, mesmo que considere este relato como mera ficção, será muito difícil não se identificar com a crise que dominou Pilatos quando estava na presença de Jesus.

A inquietação diante de perguntas sem resposta, que desafiam tudo o que você sempre pensou saber. A falta de explicações convincentes para as dúvidas que insistem em perturbar naqueles momentos de solidão. A persistência daquela incômoda voz que ecoa, sem parar, no fundo da sua alma: “o que é a VERDADE?”.

Às vezes, a única certeza que este mundo parece nos dar é a de que não existe nenhuma certeza. As opiniões mudam tão rápido quanto as fases da lua. Tudo é tão transitório e relativo, a ponto de todas as ideias serem aceitáveis, pois qualquer coisa pode ser justificada, dependendo do ponto de vista.

Num mundo em que ninguém está errado, como pode alguém estar certo? Falta algo sólido e firme em que nos possamos ancorar. A ausência desta segurança alimenta o medo dentro de si.

Medo de estar a ser enganado; medo de estar a desperdiçar a vida num rumo oposto ao que gostaria de ter seguido; medo de só perceber que está errado quando já for demasiado tarde; medo de desapontar as pessoas que confiam na sua orientação; medo de descobrir que tudo aquilo em que confiou, durante toda a vida, não passou de uma mentira; medo de não achar a saída do labirinto onde se encontra.

Enfim, medo de nunca saber, de facto, o que é a VERDADE.

Esta revista é um convite para si. Um convite para que tome a decisão que Pilatos se recusou a tomar há dois mil anos atrás.

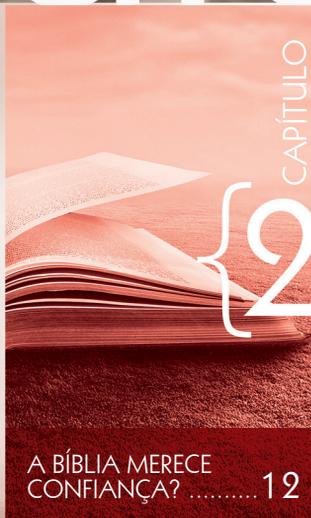
A mesma semente de dúvida está agora plantada na sua cabeça. Cabe a você decidir se vai ignorar esta voz e esperar que a mesma se silencie aos poucos; ou se vai dar o passo em direção aquela VERDADE que o irá libertar de toda a insegurança que impede a plenitude da sua vida.

Índice

{ 1 }

Deus?
existe?

..... 6



CAPÍTULO

{ 2 }

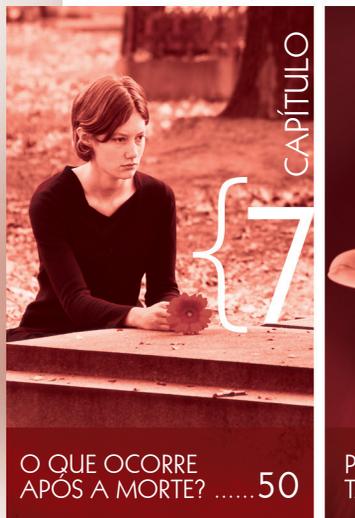
A BÍBLIA MERECE
CONFIANÇA? 12



CAPÍTULO

{ 3 }

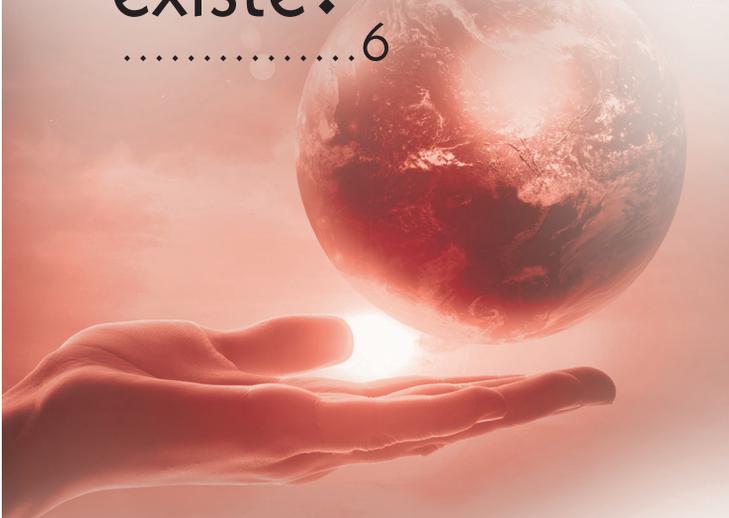
A ORIGEM
DO MAL 18



CAPÍTULO

{ 7 }

O QUE OCORRE
APÓS A MORTE? 50



CAPÍTULO



4

O QUE DEVO FAZER
PARA SER SALVO? 25

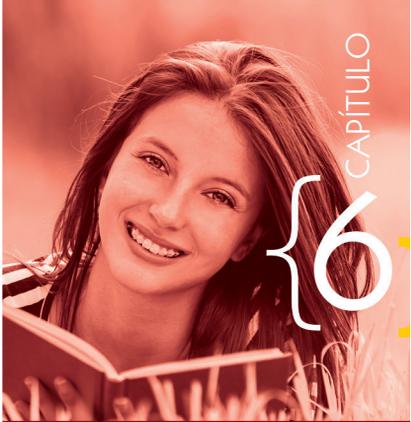
CAPÍTULO



5

A LEI DE DEUS 32

CAPÍTULO



6

UM DIA PARA
DESCANSAR 41

CAPÍTULO



8

PORQUE EXISTEM
TANTAS RELIGIÕES? .. 59

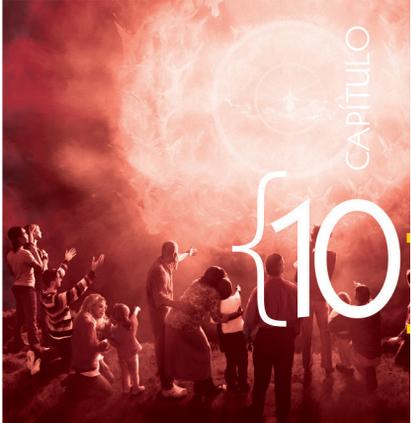
CAPÍTULO



9

SEGREDOS
DA LONGEVIDADE ... 65

CAPÍTULO



10

A SEGUNDA
VINDA DE CRISTO 71



**Olá querido leitor!
Neste primeiro
capítulo da nossa
jornada, iremos
explorar uma
questão básica, da
qual dependem
todos os outros
temas: “Deus
existe?”**

Esta pergunta é habitualmente o ponto de partida para debates acalorados entre aqueles que acreditam e aqueles que negam a existência de um Ser supremo e sobrenatural, razão pela qual este assunto é tão polêmico.

Uma pesquisa da BBC em dez países indica que 92% dos entrevistados crê em Deus ou em algum poder superior inteligente. Ainda assim, esta questão não deve ser vista como uma fórmula matemática que pode ser comprovada ou desmentida através de cálculos ou experiências num laboratório. No entanto, isto não significa que não existem evidências

lógicas a favor da Divindade. Várias pessoas já foram desafiadas a provar a existência de Deus racionalmente, tendo surgido diversos argumentos no decorrer da história – alguns simples, outros extremamente complexos.

Neste artigo, a nossa intenção não é apresentar qualquer prova científica da existência de Deus, mas sim demonstrar que é possível a dedução lógica de que Ele existe. Apesar de não haverem provas científicas, há evidências que apontam para um Ser superior. É como dizer que Deus passou pela história e deixou as Suas pegadas, sendo responsabilidade do homem segui-las agora a fim de encontrá-Lo.

Como a lista de argumentos racionais é enorme, faremos menção apenas de alguns.

Argumento cosmológico

O primeiro argumento é denominado de cosmológico, pois é baseado na ideia de que tudo aquilo que tem um início tem uma causa original. Assim, as coisas não existem por acaso, tendo de existir sempre um elemento causador.

A revista que está a ler teve um início, o que significa que existe uma causa por detrás da sua criação. Várias

pessoas mobilizaram-se para desenvolver os artigos e possibilitar a sua impressão gráfica, resultando o material que tem em mãos.

Até mesmo os eventos físicos seguem esta lógica. Um objecto só começa a mover-se se existir um gerador para esse movimento. Uma bola que estava parada só se pode mover em direção à baliza quando é chutada por alguém.

Durante algum tempo, os cientistas acreditaram que o universo não tinha tido um início, tendo sempre existido. No entanto, o físico belga Georges LeMetrie propôs em 1927 a teoria de que, em algum momento do passado, todo o universo estava concentrado num mesmo ponto do espaço e que, após esse momento inicial, começou a expandir-se, permanecendo em expansão até hoje. Esta teoria foi aperfeiçoada pelo americano George Gamow e passou a ser conhecida como a teoria do Big Bang, pois descrevia uma “explosão inicial” que teria dado origem ao universo.

Ora, se tudo o que teve um início teve uma causa, como afirma o argumento cosmológico, e o universo teve um começo, de acordo com a teoria do Big Bang,

então ele também precisa de um agente causador.

O problema é que a ciência não é capaz de identificar o que ou quem seria esse agente; e, mesmo que conseguisse, ele ainda precisaria de ter uma causa. A não ser que esse autor não tivesse um início, porque nesse caso não iríamos precisar de encontrar uma causa para ele. Essa é justamente a condição de Deus! Veja o que a Bíblia diz em Salmos 90:2 "Antes que os montes nascessem e se formassem a Terra e o Mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus".

Isto significa que Deus não tem início nem fim, dado que Ele existe "de eternidade a eternidade". Portanto, a única explicação para a origem do Universo seria um agente causador que não tem início, posição que só pode ser ocupada por Deus. Perante este dilema, Oscar Niemeyer, um arquitecto brasileiro reconhecido mundialmente que era ateu declarado, disse o seguinte em entrevista à Folha de São Paulo, a 27 de Fevereiro de 2011:

"Antes eu queria entender o Big Bang, afinal, para ter uma explosão, é preciso haver matéria. Quem inventou a matéria do Big Bang?".

Argumento do Design Inteligente

Actualmente, vários cientistas trabalham com a ideia de que existe um Projectista Inteligente responsável pela enorme precisão que encontramos em todos os elementos da natureza. O argumento do Design Inteligente baseia-se na complexidade e, ao mesmo tempo, na perfeita ordem presente em todo o mundo natural e físico. Desde o minúsculo átomo às gigantescas galáxias, tudo aparenta seguir um plano minucioso e não o mero acaso.

Imagine só: a Terra está a cerca de 150 milhões de quilómetros do Sol. Se o Sol estivesse um pouco mais distante, não haveria vida na Terra por causa do frio, e se estivesse um pouco mais perto, o calor destruiria tudo. Quem fez este cálculo tão preciso? Não parece ser uma questão de sorte. Para além disso, as formas de vida existentes no nosso planeta constituem evidências deste design. O instinto de localização das aves migratórias, a capacidade de camuflagem, a metamorfose de uma lagarta em borboleta; tudo parece ter sido orquestrado por uma mente superior.

Os próprios órgãos do nosso corpo são uma evidência

do planeamento inteligente. O olho humano, por exemplo, é uma estrutura tão sofisticada que é impossível imaginar que seja um mero resultado do processo evolutivo. Um sistema que permite a formação de imagens com uma resolução muito superior às máquinas fotográficas mais modernas, que é formado por uma lente de foco variável (cristalino) e um mecanismo que controla a entrada de luz (pupila), tudo a funcionar ao mesmo tempo e instantaneamente, é uma obra-prima. Até mesmo o sistema de movimentação de uma simples bactéria é tão complexo que desafia a compreensão dos cientistas que não aceitam a existência de Deus.

Como acreditar que todo este nível de complexidade é o resultado de mutações aleatórias e não um projecto original?

Justamente por isso, a Bíblia diz que as pessoas não têm desculpas para não acreditar em Deus, pois Ele revela-Se através das coisas criadas. Romanos 1:20 diz o seguinte:

“Desde que Deus criou o mundo, as Suas qualidades invisíveis, isto é, o Seu poder eterno e a Sua natureza divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver

tudo isso nas coisas que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma”.

Parece ser necessário muito mais fé para duvidar da existência de Deus do que para aceitá-la.

Argumento moral

Já parou para pensar porque acredita que o acto de roubar é errado? É porque a legislação condena? E se não existisse uma lei civil que condenasse o roubo, ainda continuaria a achar esta atitude errada? Segundo o argumento moral, Deus é a referência para os valores que definem o que é certo e errado no nosso comportamento. É por causa dEle que acções como roubar, mentir e matar são condenadas. Se Deus não existisse, todos os nossos conceitos de “bem” e “mal” seriam artificiais, visto que seriam determinados apenas pela sociedade e não por um padrão absoluto que engloba todos os seres humanos.

No mundo animal, por exemplo, quando um animal rouba a caça de outro, não está a fazer nada condenável. Não podemos julgá-lo porque os animais não possuem nenhuma referência moral.

No entanto, os seres humanos possuem conceitos de

“certo” e “errado” que continuam em vigor mesmo na ausência de regras na sociedade. Caso contrário, iríamos achar normal que os membros de uma cultura onde o assassinato não é crime se matassem uns aos outros. A razão pela qual condenamos sempre certos comportamentos é pelo facto de existir, dentro de nós, uma bússola moral que aponta para um padrão imutável, independente das circunstâncias.

Desta forma, entendemos que não é a sociedade que fabrica os valores morais. Pelo contrário, ela apenas reflecte os conceitos de moralidade que são comuns a todos os seres humanos. Nós acreditamos em ideais como a bondade, justiça e honestidade por causa destes valores já estarem naturalmente no nosso coração, tendo sido ali colocados por Alguém. Se Deus não existisse, tudo seria relativo e permitido. Devido a estes e outros argumentos lógicos, muitos que um dia negaram a existência de Deus passaram a defendê-la.

O cientista Antony Flew foi considerado o maior ateu do século vinte, tendo escrito mais de trinta obras filosóficas. Durante cinquenta anos, percorreu o mundo e fez se-

minários, palestras e debates argumentando a favor do ateísmo, o que lhe gerou inúmeros seguidores e o título de “O ateu mais influente de todos os tempos”. Contudo, o que surpreende é que estas informações sobre a sua vida estão registadas no prefácio da sua obra intitulada “Um ateu garante, Deus existe”. O que fez então um ateu tão convicto e influente como Antony Flew mudar de ideias? Ele mesmo responde que o raciocínio lógico o levou até Deus.

Embora toda esta lógica aponte para um Criador e seja capaz de direccionar as pessoas até Ele, não é suficiente para levar alguém a crer, de facto, em Deus. Há uma componente essencial que precisa de estar presente para que a existência de Deus deixe de ser uma hipótese e se transforme numa certeza:

“Fé é a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas que não podemos ver” (Hebreus 11:1).

A crença num Ser superior vai muito além do que a lógica humana pode explicar. Mesmo que a razão seja capaz de fortalecer as nossas convicções, apenas a fé nos pode levar a acreditar em Deus. E esta fé só pode

ser plenamente exercida quando a pessoa decide ter um relacionamento com o Criador, passando a experimentar a Sua presença individualmente. A partir desta relação íntima, toda a dúvida é dissipada, não por causa dos argumentos filosóficos, mas sim porque o indivíduo finalmente experimentou a presença divina.

É mais ou menos o que acontece quando provamos um alimento pela primeira vez. As pessoas podem usar todos os argumentos possíveis para nos convencer de que aquilo é saboroso. Porém, só iremos acreditar, de facto, depois de decidirmos prová-lo.

Querido leitor, todos os argumentos que apresentámos aqui têm a única função de o levar a tomar a decisão de experimentar Deus. Nenhum deles pode convencê-lo. Apenas um contacto pessoal lhe pode

dar a certeza de que Ele não apenas existe, como também o ama incondicionalmente.

Ao longo desta série de artigos serão explorados diversos detalhes deste Pai amoroso, de modo a entender como o Seu cuidado e misericórdia se manifestam nas nossas vidas. Contudo, saiba que o primeiro passo para compreender todas estas verdades é aceitar que cada um de nós não é fruto do acaso. Mais do que simplesmente acreditar na existência de Deus, você precisa de acreditar que a sua própria existência tem um propósito e que o Criador está a tentar, de todas as formas possíveis, convencê-lo a deixar que faça parte da sua história de vida. Basta provar e crer.

1 LORES, Raul Juste. *Oscar Niemeyer – Arquitetura sem fronteiras* (entrevista). Folha de São Paulo, caderno Serafina. São Paulo, 27 de fevereiro de 2011. Disponível em: < <http://bit.ly/1Lown0s> > Acesso em 14 fev. 2016.



Tempo de Paz
Sua felicidade começa hoje

Portal: www.tempodepaz.com.br

QUER APRENDER
MAIS SOBRE A BÍBLIA?
CURSOS BÍBLICOS
ONLINE

CONTACTE-NOS





2 A BÍBLIA MERECE CONFIANÇA?

A base para todas as questões que iremos responder ao longo desta série de estudos é a mesma: a Bíblia. Por isso, é fundamental dedicarmos uma atenção especial à confiabilidade desse livro, considerado por muitos como a Palavra de Deus.

A primeira coisa que devemos definir sobre a Bíblia é que ela é, na realidade, uma colecção única e especial de livros escritos por cerca de quarenta homens de diferentes épocas, culturas e profissões, entre outras variantes, durante um período de 1600 anos. Com um tempo de produção tão longo, é óbvio que muitos destes homens não se conheceram, o que levanta dúvidas: o que tinham eles em comum? Porque razão os livros destes diferentes autores compõem uma mesma colecção?

A própria Bíblia responde a isto. Veja o que diz em 2 Pedro 1:20 e 21: "Antes de

mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo”.

Percebeu? Eles tinham em comum a unção do Espírito Santo, sendo porta-vozes de Deus. Através destes homens, Deus resolveu comunicar a Sua vontade ao mundo. Logo, a Bíblia é uma parceria entre Deus e o homem, um trabalho em conjunto.

Tudo começou há aproximadamente 3.500 anos, com um homem chamado Moisés. Ele foi o primeiro a registrar os grandes episódios da origem humana e do povo de Israel. A sua coleção de cinco livros ficou conhecida como Pentateuco, correspondendo aos cinco primeiros livros da Bíblia.

João, que viveu por volta do ano 100 d.C., foi o último escritor da Bíblia. Ele escreveu algumas cartas, o evangelho que leva o seu nome e o enigmático livro do Apocalipse que, ao contrário de selado, como muitos acreditam, é a revelação de Jesus Cristo, como o próprio livro declara no seu primeiro versículo (Apocalipse 1:1).

A Bíblia é composta por 66 livros ao todo e está di-

vidida em duas partes: o Antigo Testamento, também chamado de Escrituras Hebraicas, que é composto por 39 livros e foi escrito em hebraico antigo (com algumas porções em aramaico); o Novo Testamento, escrito em grego arcaico e composto por 27 livros, que foi redigido após o ministério de Jesus.

Actualmente, a Bíblia já foi traduzida para cerca de 2.500 línguas e dialectos. Todavia, a primeira tradução dos escritos hebraicos (Antigo Testamento) foi feita, para a língua grega, nos primeiros três séculos antes de Cristo, tendo recebido o nome de Septuaginta. Embora esta versão seja citada em diversas passagens do Novo Testamento, é difícil saber exactamente as circunstâncias na qual ela foi criada.

Uma das hipóteses mais conhecidas que explica o surgimento da Septuaginta é mencionada na “Carta de Aristeias a Filócrates”, escrita por volta do século dois antes de Cristo. Nesta obra, é referido que o rei egípcio Ptolomeu Filadelfo II (285-247 a.C.) que edificou, em Alexandria, a biblioteca mais rica da antiguidade, orgulhava-se de possuir, no seu património, exemplares de todos os “livros do mundo”.

Como a tecnologia actual e os meios de comunicação modernos não existiam, os livros eram o único veículo de disseminação do conhecimento, o que fazia de Alexandria o centro da cultura mundial. Certo dia, o imperador Ptolomeu foi informado pelo seu bibliotecário, Demétrio Falário, que a sua colecção de livros estava incompleta, pois não tinha uma versão dos escritos sagrados judaicos em grego. Prontamente, o rei criou um projecto para completar a sua magnífica biblioteca. Ele trouxe de Israel 72 sábios e deu-lhes a tarefa de traduzir as Escrituras do hebraico para o grego. Este trabalho foi concluído em 72 dias na ilha egípcia de Faros. Embora faltem evidências concretas, para além da mencionada carta, para comprovar a veracidade desta versão, a tradição diz que a obra finalizada da Septuaginta passou a fazer parte do rico património da grandiosa biblioteca.

Talvez alguns questionem a confiabilidade de um texto que já passou por tantas traduções e cópias ao longo dos séculos. Muitas pessoas duvidam que aquilo que está escrito nas nossas Bíblias actuais seja igual ao que estava nos manuscritos antigos.

Porém, no final da década de 1940, nas cavernas da Cisjordânia, foram encontrados vários fragmentos de textos do século 2 a.C., nos quais havia porções de quase todos os livros do Antigo Testamento. São os famosos Manuscritos do Mar Morto, cujo conteúdo comprova que, embora com algumas pequenas variações, a essência do texto bíblico permaneceu fundamentalmente a mesma durante mais de dois mil anos.

Impressionante, não é mesmo?

De facto, a Bíblia é um dos mais extraordinários livros que este mundo já viu, não apenas pelo seu conteúdo moral e espiritual, mas também pelo valor histórico dos seus registos que ajudam a comprovar a sua autenticidade. Muitas evidências arqueológicas confirmam eventos e personagens bíblicos. Talvez um dos exemplos mais relevantes seja uma inscrição em rocha, que foi descoberta no início da década de 1990 e que está exposta actualmente no Museu Nacional de Israel. Essa inscrição, com mais de 2.700 anos, menciona a vitória de um rei da Síria sobre um rei de Israel, afirmando que ele pertencia à "Casa de Davi". A afirmação confirma a existência de uma dinastia

real que seguiu a linhagem de Davi, um dos personagens mais importantes da Bíblia.

A Palavra de Deus também é um livro extremamente popular. Sabia que ela supera, em número de vendas, qualquer outra publicação? Estamos a falar de mais de seis biliões de exemplares espalhados pelo planeta. É ainda necessário salientar que a Bíblia não é um livro que propõe a apresentação de um tratado científico ou que se intitula como um manual com explicações racionais de coisas materiais.

Para que fique mais claro, pense comigo: Qual é o propósito de um livro de geografia? Obviamente, o seu principal objectivo é ensinar geografia: a posição das cidades, dos estados, dos países e dos continentes, entre outras coisas pertinentes nesta área de estudo. Mesmo que utilize dados estatísticos, o propósito do livro continua a ser ensinar geografia e não matemática. Da mesma forma, deveríamos perguntar sobre o objectivo da Bíblia. Ao estudá-la, vamos descobrir que a sua principal finalidade é apresentar as boas novas de salvação aos seres humanos corrompidos e perdidos pelo pecado. Esta salvação é conquistada através da mis-

são redentora do seu principal personagem: Jesus Cristo. De Génesis ao Apocalipse, este livro procura mostrar a degeneração humana provocada pelo pecado e o remédio divino oferecido a todos por meio de Jesus. Como disse o próprio Jesus, “o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido” (Lucas 19:10).

A Bíblia é um retrato falado de Jesus, o centro das Escrituras. Quando a estudamos, somos convidados a ver Cristo em todas as páginas, desde a Lei até aos Evangelhos e ao Pentateuco, passando pelos livros históricos, proféticos e poéticos, e concluindo com as epístolas.

Está escrito em Lucas 24:27 e 44: “E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dEle [Jesus] em todas as Escrituras [...] Era necessário que se cumprisse tudo o que a Meu respeito estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos” — Palavras de Jesus.

Se quisermos conhecer Cristo e a salvação que Ele oferece, devemos voltar para a Bíblia. A falta de informação sobre Jesus é fruto da falta de conhecimento bíblico.

Querido leitor, a Bíblia é uma combinação misteriosa

do divino com o humano. Ela é tão humana que é capaz de ser compreendida por uma criança e, ao mesmo tempo, tão divina que deixa admirado o maior sábio deste mundo. Há um texto no Novo Testamento, em 2 Timóteo 3:15-17, que diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda a boa obra".

Nestes versículos temos três grandes verdades acerca da Bíblia:

1. O seu propósito: Salvação, unicamente por meio de Jesus Cristo.
2. A sua origem: Sagrada, inspirada por Deus.
3. O seu método didático: Ninguém será salvo sem ser ensinado, repreendido, corrigido e educado na justiça.

Para além disso, a Bíblia também pode ser vista como um manual prático, repleto de instruções úteis que podem ser aplicadas no nosso quotidiano, sendo possível encontrar conselhos relacionados com as mais diversas áreas.

No campo da educação infantil, por exemplo, Provérbios 22:6 afirma que os princípios ensinados durante os primeiros anos da criança produzem efeitos que permanecem até à sua velhice. Em relação à vida conjugal, Efésios 5:25 diz aos maridos: "Amam as vossas mulheres" e o versículo 28 assegura que o homem que ama a sua mulher, ama a si mesmo. Existem também dicas associadas à honestidade nos negócios (Provérbios 16:11), desenvolvimento de atributos de liderança (Tito 1:7-9), gestão do tempo (Eclesiastes 3:1), libertação de vícios (2 Coríntios 5:17), segredos para o sucesso (Mateus 6:33) e controlo da ansiedade (Filipenses 4:6), entre muitos outros ensinamentos que fazem deste livro uma verdadeira fonte de sabedoria.

Anteriormente, foi dito que na cidade de Alexandria ficava a maior biblioteca que o mundo já conheceu e que o seu património estava incompleto, pois faltava o livro mais importante da história humana: a Bíblia. Outro monumento edificado pelo monarca egípcio Ptolomeu Filadelfo, que ocupou um lugar entre as sete maravilhas do mundo antigo, foi o majestoso farol de Alexandria, com cerca de 150 metros de

altura, cuja luz podia ser vista a uma distância de 50 quilômetros. Muitos diziam que esta torre de mármore era indestrutível. Porém, em 1.302 d.C., um terremoto destruiu este farol que parecia desafiar a acção dos séculos.

Hoje em dia, quase ninguém conhece esta história, o que acontece também com as demais obras humanas. Assim como o Farol de Alexandria, a magnífica biblioteca real foi destruída, não por um terremoto, mas por um incêndio. Entre os milhares de livros ali presentes, talvez um dos poucos que tenham escapado ao incêndio durante a Idade Média tenha sido a Bíblia. O imponente farol de mármore e a grande biblioteca antiga de Alexandria foram destruídos. Contudo, o livro sagrado traduzido por 72

sábios permanece e continua a ser um farol que ilumina a Terra e os homens.

Como diz o Salmo 119:105, "Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra e luz para o meu caminho".

Querido(a) amigo(a) que está a acompanhar estes estudos, você deseja receber as bênçãos e a paz que provêm do estudo da Bíblia? Gostaria de se aproximar mais de Deus através da Sua palavra? Deseja crescer espiritualmente e aprender o segredo da vitória contra o pecado?

Então estude a Bíblia diariamente, com oração. Procure a orientação do seu Autor e irá receber a sabedoria para tomar as decisões correctas em cada passo do seu caminho. Nunca se esqueça: é impossível ler a Bíblia e continuar a ser a mesma pessoa.



Portal: www.tempodepaz.com.br



MENSAGENS DE PAZ PARA
UM MUNDO TURBULENTO



Portal: www.tempodepaz.com.br



CULINÁRIA SAUDÁVEL
TRATAMENTOS NATURAIS
E QUALIDADE DE VIDA



{3} A ORIGEM DO MAL

Quando observamos a condição do mundo à nossa volta e notamos a enorme quantidade de acontecimentos lamentáveis divulgados pelos meios de informação, temos a impressão incômoda de que o mal está a vencer o bem. Cada vez com mais frequência, ouvimos expressões como terrorismo, desastres, sofrimento, morte e violência.

É comum nos depararmos com notícias sobre o assassinato de crianças indefesas, destruição de casamentos, fome, perseguições religiosas, injustiças sociais, corrupção, tragédias familiares, doenças incuráveis, miséria, guerras e destruição.

Diante deste triste cenário, em algum momento, os que acreditam em Deus serão confrontados com a seguinte pergunta: "Se há um ser Todo-poderoso e bondoso a controlar tudo, porque há tanta injustiça, maldade e sofrimento?"

Talvez ainda não tenha percebido que há duas forças em conflito no universo – o bem e o mal. Estas forças opostas estão a agir neste

exacto momento. A primeira procura fazer tudo o que é bom, correcto e honesto. A segunda força é o mal que insiste em espalhar a injustiça, o sofrimento e a maldade. A origem e a fonte do bem é conhecida por todos, sendo claramente apresentada na Bíblia. A Palavra de Deus diz em Tiago 1:17 que “tudo de bom que recebemos vem de Deus”. Em Salmos 107:1 lemos que Deus é bom e o Seu amor é infinito.

E quanto ao mal? Qual é a sua origem? Existe uma passagem na Bíblia, em Ezequiel 28:12-19, que refere um ser que foi criado perfeito por Deus e nomeado como um anjo querubim (anjo que pertence a uma categoria elevada de seres celestiais) na guarda do Céu. Um dia, após se rebelar contra o governo e as autoridades divinas, ocorreu uma grande batalha onde este ser, aliado a uma terça parte dos anjos, teve de ser expulso do Céu. Esta personagem é conhecida actualmente como Satanás, o inimigo de Deus.

Naquele tempo, o seu nome era Lúcifer, que significa em latim “portador da luz”. Ele ocupava uma posição de honra diante do Criador. No entanto, a Bíblia diz que Lúcifer começou a orgulhar-se da sua posição e beleza, tendo permitido que a arro-

gância e a vaidade surgissem no seu coração, a ponto de se entregar totalmente às mesmas. Embora tivesse sido criado perfeito, a maldade foi encontrada no seu coração (Ezequiel 28:15). Ele quis ficar com o trono e receber a adoração que pertencia somente a Deus. A origem desse sentimento, num ambiente perfeito, é um grande mistério. Mesmo assim, sabemos que foi desta forma que o mal surgiu no universo.

A partir desse momento, o antigo anjo de luz passou a ser chamado de Satanás, que em hebraico significa “adversário” e “inimigo”, ou de Diabo, que em grego significa “enganador”.

Aquele que um dia havia sido um grande aliado deixou evidente a sua nova atitude como opositor de Deus e inimigo do ser humano.

“A origem do mal é um mistério para além da nossa compreensão. Como um ser perfeito como Lúcifer pode chegar à condição de maior inimigo de Deus?”.

E você, querido leitor, tem ideia de qual é o principal objectivo de Satanás?

Ele trabalha incessantemente com os seus anjos maus, com a finalidade de trazer dor e sofrimento ao mundo, instigando o ser humano a se desviar do seu Criador.

Mas porque razão o inimigo de Deus faz tudo isto?

A Bíblia responde em Apocalipse 12:12: “[...] Mas ai da terra e do mar! Pois o Diabo desceu até vocês e ele está muito furioso porque sabe que tem somente um pouco mais de tempo para agir”.

João diz que o Diabo está enfurecido por ter pouco tempo, uma vez que se aproxima o dia da destruição do mal e ele teme enfrentá-lo.

A Palavra de Deus continua a alertar em 1 Pedro 5:8: “Este-

jam atentos e fiquem a vigiar porque o inimigo de vocês, o Diabo, anda por aí como um leão que ruga, procurando alguém para devorar”.

De acordo com o apóstolo Pedro, devido ao pouco tempo que tem, o Diabo deseja destruir vidas e acabar com a esperança, a paz e a felicidade, de modo a que as pessoas se afastem de Deus e percam a vida eterna, assim como aconteceu com ele.

Como já foi afirmado, a origem do mal é um mistério para além da nossa compreensão. Como um ser perfeito como Lúcifer pode chegar à condição de maior inimigo de Deus? A Bíblia não revela esses detalhes. No entanto, tendo em conta a Palavra de Deus, cremos que os salvos por Jesus na eternidade irão entender tudo sobre esse e outros assuntos difíceis.

De qualquer forma, o mal é uma realidade. Não há como negá-lo ou simplesmente dizer que não existe, pois basta olhar para o nosso redor. É possível senti-lo diariamente na nossa vida e mesmo dentro dos nossos próprios corações. Como afirmou o Senhor Jesus em Mateus 15:19: “Porque é do coração que vêm os maus pensamentos, os crimes de morte, os adultérios, as imoralidades sexuais, os roubos, as mentiras e as calúnias”.

Talvez esteja a pensar:

“Tudo bem, já entendi que esta escolha pela desobediência trouxe o mal e sofrimento à humanidade. Mas, se de facto Deus ama os seres humanos, porque permite tanta maldade no mundo? Porque não acaba com o mal e o nosso sofrimento de uma vez por todas?”.

Adão e Eva, os primeiros seres humanos, foram criados perfeitos, não tendo nenhum vestígio de pecado, maldade e tendência para o mal. Então, como foi que o ser humano se corrompeu?

Preste muita atenção ao seguinte raciocínio:

Deus criou o ser humano com uma maravilhosa capacidade chamada de livre arbítrio. E o que é isso? É a liberdade individual de escolha. Relativamente a esta característica, a Bíblia diz em Deuteronômio 30:19: “Neste dia chamo o céu e a terra como testemunhas contra vocês. Eu dou-vos a oportunidade de escolherem entre a vida e a morte, entre a bênção e a maldição. Escolham a vida, para que vocês e os seus descendentes vivam muitos anos”.

Querido amigo, o livre arbítrio é a capacidade de escolher entre diferentes opções. O ser humano é livre para decidir amar ou não amar, gostar ou odiar, ir ou ficar. Podemos inclusive escolher se o nosso Criador nos irá guiar ou se iremos nos rebelar contra Ele, seguindo o Seu inimigo.

Já parou para pensar que Deus poderia ter criado o homem sem a capacidade de desobedecer? Deus podia ter concebido os seres humanos como robôs ou máquinas limitadas a cumprir uma pro-

gramação pré-estabelecida, como adorá-Lo eternamente. Porém, Deus sabia que este tipo de obediência não era prova de um amor real. Nós, seres humanos, viveríamos uma vida artificial e infeliz.

Por isso, mesmo sabendo que poderíamos optar por não O escolher e amar, Deus preferiu correr o risco e dar-nos a liberdade de escolha. E esta é mais uma prova do Seu amor.

Desde o início da sua existência, Adão e Eva amavam profundamente Deus. Mesmo assim, tinham a opção de seguir o caminho de Satanás, se assim o desejassem. E foi exatamente isso o que aconteceu. A Bíblia diz que o inimigo de Deus conseguiu enganar Eva, induzindo-a a comer do fruto proibido por Deus e a desobedecer à ordem divina. Posteriormente, Adão também escolheu seguir Satanás e foi dessa forma que o pecado entrou no nosso mundo. A escolha deste primeiro casal pela desobediência afectou-nos a todos nós, os seus descendentes. Tal aconteceu porque o pecado é como uma doença hereditária que é passada de pai para filho. Apesar do filho não ter culpa de herdar a doença, ele carrega-a no seu corpo. Assim, o sofrimento, a dor e a morte são a consequência natural do pecado, transmitida a todos os seres humanos.

“Como conciliar a ideia de um Deus amoroso e Todo poderoso que permite a presença do mal no nosso mundo?”. Este é um ponto fundamental que precisamos de entender neste artigo — o motivo do sofrimento. Porque razão sofremos os efeitos do mal se temos um Deus bom?

Ao contemplarem o cenário caótico da sociedade em que vivemos, muitas pessoas culpam Deus pelas desgraças que presenciam dia após dia. O que muitos não entendem é que Deus não é o responsável pelo mal que domina o mundo. A presença do mal não é um castigo divino por causa da nossa desobediência nem uma punição, mas sim um efeito natural da ausência de Deus, tal como a escuridão é o resultado da ausência de luz, e o frio da ausência de calor. O mal nunca vem do Criador, surgindo apenas quando rejeitamos o bem que Ele oferece. A humanidade está doente como consequência das suas próprias escolhas.

Talvez alguém pergunte: “Mas e quando pessoas boas, honestas e até crianças inocentes sofrem? Porque têm de pagar o preço pela maldade alheia? Isso não seria uma grande injustiça?”.

Caro leitor, precisamos de aceitar que vivemos num mundo injusto, onde ninguém

está imune às maldades que o dominam. O próprio Jesus, o Ser mais inocente e puro que já andou sobre a Terra, foi morto injustamente. Deus nunca prometeu impedir qualquer ser humano de sofrer, por mais que nos ame. Aliás, a bondade e o amor de Deus não são provados através de uma protecção completa contra o mal, mas sim pelo conforto que Ele oferece durante os momentos de dor, na paz que concede no meio das dificuldades e, sobretudo, na esperança de que, em breve, todo este sofrimento acabará.

A Palavra de Deus diz-nos em Apocalipse 21:4 que “Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor”.

Que promessa maravilhosa! Um dia o mal será destruído e só existirá o bem. Essa é uma das maiores esperanças que Deus deixou na Sua Palavra. Talvez pense que esta promessa está a demorar muito para ser cumprida. Talvez ache que o sofrimento que está sobre os seus ombros agora é maior do que pode suportar. Talvez sinta que Deus Se esqueceu de si e que não Se importa com a sua situação. Entretanto, a Bíblia revela que Deus vê o nosso sofrimento e Se importa com o mesmo. Em Êxodo 3:7, ao falar sobre o Seu

Querido amigo e querida amiga, a maior prova de que Deus não está indiferente ao nosso sofrimento é o facto de Ele ter mobilizado os recursos para, um dia, acabar com tudo o que há de mal neste mundo. Através da cruz, Jesus não só partilhou das nossas dores e tristezas, como também colocou um ponto final em toda a maldade que dominou a Terra desde que o primeiro ser humano pecou. Graças ao sacrifício que Ele fez na cruz, o mal tem data marcada para terminar!



povo que estava a ser escravizado no Egito, Deus declarou o seguinte: "Eu tenho visto como o Meu povo está a ser maltratado no Egito; tendo ouvido o seu pedido de socorro por causa dos seus feitos. Sei o que estão a sofrer".

O Senhor não tem apenas uma vaga ideia do que está a acontecer connosco. Segundo o texto que acabámos de ler, Deus vê atentamente, ouve o nosso clamor e conhece as nossas dores. Mas então, porque demora Ele tanto tempo para vir em nosso socorro? O povo de Israel teve de suportar um longo período de escravidão antes de receber a liberdade.

Entretanto, até esse momento chegar, ainda precisamos de suportar um pouco mais. A boa notícia é que não fomos abandonados para enfrentar este mundo tenebroso. Podemos contar com

o conforto de Alguém que já passou por provações muito maiores e que entende, melhor do que ninguém, o tamanho da nossa dor.

Este é o consolo para o coração dolorido. Por mais desalentado que se sinta ou por maior que seja o seu sofrimento, você é convidado a colocar tudo diante do Senhor Jesus e lançar toda a sua ansiedade sobre Ele, pois Ele "tem cuidado de vós" (1 Pedro 5:7) e entende-o perfeitamente. O seu corpo está destruído pela dor? O dEle também já esteve! É mal interpretado, julgado injustamente e os seus motivos são deturpados? Ele também já foi vítima de tudo isso! Os que eram mais próximos e queridos viraram-lhe as costas? Isso também aconteceu com Ele! Sente-se nas trevas? Elas estiveram com Ele durante três dias. E sabe porque motivo Ele experimentou

tudo isto? A Bíblia responde em Hebreus 2:17: "Foi preciso que Jesus se tornasse em tudo igual aos Seus irmãos a fim de ser o Grande Sacerdote [intercessor] deles".

Meu amigo, lembre-se sempre do Salmo 23: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, Tu estarás comigo" (verso 4). Deus não nos impede de trilhar o "vale da sombra e da morte", mas promete estar sempre ao nosso lado durante todo o percurso. Por isso, não tem que passar por tudo isto sozinho, pois Ele deseja ser o conforto que você tanto precisa.

Confie nas promessas divinas. O mal que domina o mundo é passageiro. Em breve será eliminado e todo aquele que decidir seguir Cristo terá o privilégio de passar a eternidade num lar de felicidade plena, preparado por um Deus de amor e misericórdia, que Se importa com cada um dos Seus filhos.

Certa vez, o poeta Roberto Louis Stevenson escreveu:

"Deus não prometeu dias sem dor, risos sem sofrimento, sol sem chuva. Mas Ele prometeu força para o dia, conforto para as lágrimas e luz para o caminho".

A permissão, durante um tempo limitado, do mal sobre o planeta, serve um propósito definido por Deus. Talvez você

que está a ler estas linhas esteja a sofrer muito porque perdeu um familiar que amava. Talvez você seja uma esposa que está a passar por uma situação difícil em casa. Talvez você esteja a lutar contra um cancro, contra a depressão ou o desemprego. Talvez você seja um pai que luta contra a dor de ver um filho a ser destruído pelo mundo das drogas. Eu não sei quem você é, assim como não sei porque tipo de lutas está a passar, mas quero que saiba que, por maior que seja o seu sofrimento, você pode descansar em Cristo. Pode ter a certeza de que a dor e a angústia que hoje o afligem serão aliviadas pela presença de Jesus, que já pôs um ponto final no curso do mal. Tenha esperança na promessa de que, um dia, toda a angústia e pesar desaparecerão por completo.

Que tal aceitar hoje o convite de descansar e entregar todas as suas preocupações a Jesus? Não passe nem mais um minuto em angústia e aflição! Decida agora mesmo entregar-se ao grande Consoador. Deus irá cuidar de si.



4 O QUE DEVO FAZER PARA SER SALVO?

Vamos começar este artigo com uma pergunta pessoal:

“Considera-se uma pessoa boa?”

Sabe o que geralmente passa pela nossa cabeça quando tentamos responder a esta pergunta?

Frequentemente, olhamos para o nosso próprio caráter e avaliamos o mesmo de acordo com alguns critérios comuns, como honestidade, ética profissional ou compaixão. Criamos uma balança imaginária e colocamos num lado tudo o que é positivo, e no outro tudo o que é negativo. Se ela pesar mais para o lado positivo, concluímos que somos pessoas boas. Caso contrário, somos pessoas más. Parece válida esta lógica, não é mesmo? Pensamos: “Eu sou honesto. Pago as minhas contas, ajudo os pobres, não falo palavrões, não roubo e não mato. Sei que tenho defeitos. Posso ser um pouco impaciente e ter alguns vícios, mas

são apenas detalhes. De um modo geral, posso dizer que sou uma pessoa boa”.

No final, ficamos satisfeitos com a nossa autoavaliação, principalmente quando percebemos que há tanta gente no mundo numa situação muito pior do que a nossa. Nestas circunstâncias, não parece injusto considerarmos que estamos numa condição acima da média.

Talvez este seja o grande motivo que leva tantas pessoas a ignorarem a ideia da salvação: acham que não precisam de ser salvas; sentem-se confortáveis, pois comparam a si mesmas com outras pessoas que, aos seus olhos, estão numa condição inferior; pensam que precisam apenas de pequenos ajustes, alguns aqui e outros ali; talvez precisem de tratar melhor os vizinhos, fazer mais obras de caridade ou aumentar a frequência nos cultos da igreja. Enfim, admitem que precisam de melhorar, mas repousam na certeza de que, apesar de tudo, já estão com um saldo positivo.

Agora, vou fazer uma pergunta um pouco mais profunda do que a primeira: “Alguma vez se perguntou qual seria a opinião de Deus a seu respeito?”. Aliás, deixe-me ser ainda mais claro: “Acha que Deus também o vê como uma pessoa boa ou ‘acima da

média’?”. A Palavra de Deus diz em Romanos 3:10 que, neste mundo, não há uma única pessoa justa e íntegra. Não existe ninguém que possa ser considerado “bom” aos olhos de Deus.

A razão para isso é simples. Desde que o ser humano decidiu desobedecer a Deus, ele tornou-se naturalmente mau e pecador. Em Romanos 3:23 lemos que “todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus”. Esta é a primeira coisa que precisamos de entender sobre o pecado: ele é o resultado de rejeitarmos a vontade divina. Por isso, representa a causa da separação entre o ser humano e o seu Criador.

Perante isto, pode ser que esteja a pensar: “Se aquilo que me impede de ser considerado bom aos olhos de Deus é o pecado, tudo o que preciso de fazer para ser aprovado por Ele é parar de pecar, certo?”. Apesar desta lógica até poder ser válida, é impossível aplicá-la na prática, uma vez que abandonar o pecado não é uma mera questão de decisão.

A nossa condição pecaminosa já é crónica. É natural sermos pecadores, pois nascemos com tendências para pecar. A Bíblia diz que o pecado está tão enraizado na nossa natureza que, desde o

momento em que iniciamos a nossa formação, ainda no útero das nossas mães, já somos pecadores. Veja o que está escrito em Salmos 51:5: "De facto, tenho sido mau desde que nasci; tenho sido pecador desde o dia em que fui concebido". Quer um pequeno exemplo desta maldade original? Quem lida com crianças pequenas conhece uma tática muito eficaz para convencê-las a comer quando elas não têm vontade: basta oferecer a comida a outra criança ou mesmo a um animal que esteja próximo. A criança, antes desinteressada, já se dispõe a comer. Esta é uma manifestação simples e sincera do egoísmo. Ser bom e altruísta não é algo natural, nem mesmo para uma criança inocente.

Tem ideia do que esta maldade natural significa? Por maior que seja o nosso esforço para fazer tudo correctamente, com o fim de sermos pessoas honestas e boas, ele nunca será suficiente para Deus reconhecer-nos como pessoas justas. Mesmo que seja considerado a melhor pessoa do seu círculo social, o melhor esposo ou esposa, o funcionário mais exemplar da empresa, o aluno com as melhores notas ou aquele que cumpre todas as regras da sua comunidade religiosa, não irá ser isso que o torna "bom"

aos olhos de Deus.

Para ser ainda mais claro, o que a Palavra de Deus quer explicar é que ser bom segundo os seus próprios olhos, ser correcto de acordo com a sua própria justiça, nunca será suficiente para ser aprovado por Deus.

Em Isaías 64:6 está escrito que todas as boas acções que praticamos, com a intenção de sermos pessoas melhores, são como panos sujos aos olhos de Deus. Estas palavras fortes representam a mais pura realidade, dado que tudo o que fazemos está manchado pela maldade. Todas as boas acções que praticamos não são tão boas quanto aparentam, pois surgem de alguém que, como já explicámos, nasceu num estado de permanente pecado. Não há como fugirmos disto.

A situação torna-se ainda mais grave quando enfrentamos as consequências desta condição. Em Romanos 6:23 está declarado que "o salário do pecado é a morte!". O resultado natural do pecado é a morte, pelo que estamos todos condenados. O pecado é como uma doença terminal, como um cancro que não tem cura. Podemos tentar tudo o que está ao nosso alcance, dentro das nossas próprias forças, mas nada irá mudar a nossa condição e destino.

Por maior que seja o nosso esforço, ainda que frequentemente uma igreja, sejamos devotos de algum santo, façamos ofertas, dízigimos ou caridade regularmente, nenhuma destas coisas irá contribuir para a nossa salvação. Podemos subir escadas de joelhos e até repetir quinhentas vezes o "Pai Nosso" ou mil vezes a prece "Avé Maria", que nada disto será capaz de comprar a nossa aprovação aos olhos de Deus.

Depois de tanta informação, deve estar a perguntar: "Mas e agora? Será que existe alguma esperança para mim?". Esta mensagem parece ter terminado com qualquer opção, não é mesmo? Talvez esteja a ficar preocupado e desanimado. Porém, a boa notícia é que a história não finda desta forma. A parte mais importante ficou para o final!

Já entendemos que existe uma lei natural, segundo a qual a consequência para o pecado é a morte. Descobrimos também que cada ser humano já nasce na condição de pecador, estando por isso condenado. Ao permitir que o ser humano sofresse a pena do próprio erro, Deus estaria a ser completamente justo. Contudo, um Pai tão amoroso não consegue ficar sem fazer nada, enquanto os filhos que Ele mesmo criou, aguardam uma sentença tão terrível. Por esta razão, Ele

elaborou um plano ambicioso que dá ao ser humano a oportunidade de se livrar desta condenação. Este plano está descrito em João 3:17: "Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele".

Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para assegurar a nossa salvação. Mas porque razão faria Ele isto? Porque nós pecámos e merecemos morrer! A justiça precisa de ser aplicada. Como poderia Cristo salvar o mundo que estava condenado pelo próprio pecado? A resposta é chocante: ao assumir a nossa culpa. Ele recebeu o nosso castigo e a justiça pela desobediência foi aplicada sobre Ele, para que a misericórdia divina nos fosse oferecida.

Lembra-se que aprendemos, há pouco, que a consequência do pecado é a morte? O mesmo versículo da Bíblia, que está em Romanos 6:23, prossegue ao dizer que o presente oferecido por Jesus, pelo seu sacrifício, é a VIDA! E a vida eterna.

A sentença foi trocada. Jesus recebeu a morte que nós merecíamos, para que eu e você possamos ter a oportunidade de receber a vida eterna que pertence a Ele. Não é maravilhoso? E o mais impressionante é que

Deus não fez isto porque nos considera bons ou porque fizemos algum tipo de voto, compromisso ou até promessa. Em Romanos 5:8 está claro que "Deus mostrou o quanto nos ama ao ter Cristo a morrer por nós quando ainda vivíamos no pecado". Ele decidiu salvar-nos, sem que tivéssemos feito nada de positivo, apenas porque nos amou. E o amor de Deus não tem um motivo nem uma explicação humanamente compreensível. Ele nos ama simplesmente porque nos ama. É um amor real e desinteressado.

Por causa deste sacrifício, desta prova de amor, você e eu podemos livrar-nos da condenação. Em Romanos 5:9 diz que somos justificados pelo sangue que Ele derramou. Sabe o que significa ser justificado? Significa ser absolvido, inocentado, perdoado e tornado justo. Por isso, Romanos 8:1 afirma que "nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". Que ótima notícia!

O que é preciso então para recebermos esta justificação, este perdão de Deus, para sermos inocentados e absolvidos? A resposta está em Efésios 2:8: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus". Mas o que é a graça? É exactamente o que o nome diz: algo que

não comprou e não merece, mas que mesmo assim recebe. É algo oferecido sem qualquer custo, bastando aceitar pela fé. E saiba que ter fé é muito mais do que simplesmente acreditar no que Deus pode fazer. É confiar no amor que Jesus demonstrou. É ter a certeza de que o sacrifício feito é suficiente para pagar, de uma vez por todas, a pena de morte que repousava sobre os seus ombros. Através desta confiança no sacrifício de Cristo, somos perdoados e aceites por Ele. É isso mesmo: basta apenas crer e instantaneamente recebe esta graça. É assim tão simples!

Eu sei que esta ideia pode parecer estranha, visto que vivemos num mundo consumista onde tudo tem um preço e nada bom é de graça. Por isso, talvez seja difícil entender a ideia de que a salvação é oferecida sem qualquer custo. Parece loucura pensar que Deus oferece algo tão maravilhoso sem cobrar nada; pensar que pode simplesmente aceitar esta salvação (e, consequentemente, a vida eterna) sem precisar de pagar penitências, fazer sacrifícios, realizar peregrinações exaustivas, repetir longas orações, ficar constrangido com confissões a outras pessoas ou ser obrigado a cumprir uma lista de tarefas. Parece bom demais para ser verdade. To-

A sentença foi trocada. Jesus recebeu a morte que nós merecíamos, para que eu e você possamos ter a oportunidade de receber a vida eterna que pertence a Ele. Não é maravilhoso? E o mais impressionante é que Deus não fez isto porque nos considera bons ou porque fizemos algum tipo de voto, compromisso ou até promessa. Em Romanos 5:8 está claro que “Deus mostrou o quanto nos ama ao dar Cristo para morrer por nós quando ainda vivíamos no pecado”. Ele decidiu salvar-nos, sem que tivéssemos feito nada de positivo, apenas porque nos amou. E o amor de Deus não tem um motivo nem uma explicação humanamente compreensível. Ele nos ama simplesmente porque nos ama. É um amor real e desinteressado.

davia, é realmente bom demais, e é realmente verdade! Uma verdade que foi escrita na cruz do calvário com o precioso sangue de Cristo e que jamais se apagará.

É ainda necessário mencionar um detalhe importante. A partir do momento em que aceita esta graça, acontece uma transformação e a sua vida muda por completo. O apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 5:17, diz que “quando alguém se faz cristão, torna-se uma pessoa totalmente nova por dentro. Já não é mais a mesma. Teve início uma nova vida”, o que significa que, ao ser justificado e absolvido pelo sangue de Cristo, é impossível continuar a viver do mesmo modo. É inevitável a ocorrência de uma mudança drástica, uma mudança de dentro para fora. Afinal de

contas, uma vez libertados da escravidão do pecado, é natural seguir quem nos libertou. Foi o próprio Jesus quem disse: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos” (João 14:15). Quando passamos a amá-LO, também decidimos segui-LO, tendo desejo e prazer em fazer a Sua vontade.

Esta vontade é apresentada, de maneira clara, na Sua Palavra. À medida que estudamos a Bíblia e permitimos que Cristo tome o controle das nossas vidas, manifestamos naturalmente o que a Palavra de Deus chama de “frutos” ou “resultados” da conversão.

Estes “frutos”, apresentados em Gálatas 5:22, são: amor, alegria, paciência, piedade, bondade, fé, calma e equilíbrio. Tudo isto é consequência de aceitar Jesus como o Salvador, constituindo um indício

de que se entregou a Cristo, não como um pagamento pelo sacrifício que Ele fez. Isto são efeitos e não causas. Quando permitimos que estes frutos cresçam dentro de nós, encontramos o segredo da verdadeira felicidade.

Talvez estas palavras sejam a ser dirigidas a alguém que se sente perdido, com um enorme vazio dentro do peito; a alguém que, durante muitos anos, pertenceu a uma religião sem significado, procurando cumprir normas e regras, e que está frustrado porque tudo não passava de uma jornada infeliz sem Jesus; a alguém que já desistiu até da própria vida, por pensar que não há mais solução.

Querido leitor, não precisa mais de se sentir assim. Hoje descobriu uma verdade libertadora, que pode colocar um ponto final em todo o sentimento de culpa que aflige o coração, em toda a sensação de impotência diante dos problemas, em cada decepção que já suportou. Hoje descobriu que existe um Deus que o ama a ponto de Se entregar em sacrifício, mesmo sem você merecer. Não deite fora este presente maravilhoso que Ele lhe está a oferecer. Gostaria de se sentir salvo neste exacto momento? Está cansado de se esforçar para conseguir a aprovação de Deus?

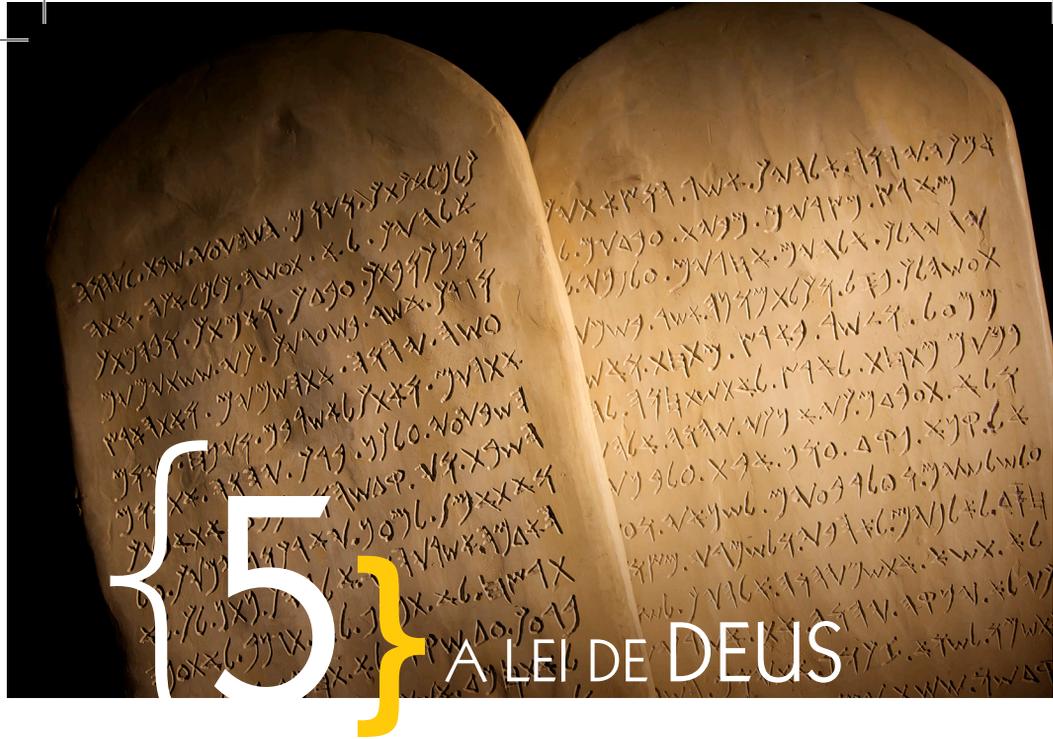
Quer ter a certeza da salvação e o privilégio de sentir na sua vida os frutos da conversão?

Se respondeu "sim" a todas estas questões, saiba que tudo isto e muito mais está ao seu alcance. Basta entregar-se por inteiro a Cristo, para que Ele não apenas o salve, mas o transforme completamente.

Quero concluir esta mensagem com uma maravilhosa promessa, feita pelo próprio Cristo aqueles que estão à procura de paz na vida. Em João 14:27, o Mestre diz o seguinte:

"Deixo com vocês a paz. É a Minha paz que Eu lhes dou; não lhes dou a paz como o mundo a dá. Não fiquem aflitos, nem tenham medo".

Você não precisa mais de temer. Coloque de lado todas as dúvidas e angústias, e permita que esta paz celestial ocupe o lugar das perturbações que inundam o seu coração. Deixe o seu passado para trás, pare de confiar em si mesmo e descance na certeza de que o preço da sua salvação já foi pago há mais de dois mil anos. Só então você vai descobrir que nada é mais seguro do que depender do amor de Deus.



O tema da Lei de Deus desperta sempre muitas dúvidas e questões.

Quais são os mandamentos que estão incluídos nesta Lei? Quando foram estabelecidos? Será que possuem todos a mesma importância? Ainda serão válidos?

É comum nos depararmos com notícias sobre o assassinato de crianças indefesas, destruição de casas, fome, perseguições religiosas, injustiças sociais, corrupção, tragédias familiares, doenças incuráveis, miséria, guerras e destruição.

Para entender melhor este assunto, gostaria de o convidar a fazer comigo uma breve viagem no tempo, enquanto lhe conto alguns detalhes históricos sobre o povo de Deus. Após séculos de opressão como escravos na terra do Egito, o povo de Israel foi finalmente libertado das mãos do Faraó graças ao poder de Deus, tendo se iniciado a tão

ção, pois continham os direitos, os deveres e as punições aplicáveis a cada caso.

As leis cerimoniais consistiam numa série de orientações detalhadas acerca dos rituais religiosos que deveriam ser praticados pelos israelitas. Deus queria proporcionar uma compreensão mais profunda da Sua santidade e inspirar maior reverência nos seus corações. Por esta razão, Ele ordenou a construção de um santuário móvel, que deveria ser mantido no meio do acampamento, ao longo da Sua jornada pelo deserto.

Este santuário era um local de adoração ao Senhor e o centro de todo o serviço religioso da nação. O próprio Deus forneceu detalhes em relação aos materiais que deveriam ser utilizados, ao local onde ficariam os utensílios sagrados e à celebração das cerimónias periódicas naquele local. Todos os elementos e rituais do santuário tinham um grande valor simbólico, com lições espirituais que o Senhor desejava transmitir aos Seus filhos, para além de representarem eventos futuros que marcariam a história do povo de Deus. Os sacrifícios pelo pecado, por exemplo, representavam a morte de Cristo a nosso favor. Todas estas instruções relativas ao serviço cerimonial

estão registadas nos livros bíblicos de Levítico e Números.

Os famosos Dez Mandamentos são formados por princípios que destacam a importância da fidelidade no relacionamento entre o ser humano e Deus, assim como do respeito que deve existir no convívio com os semelhantes. Entre os seus preceitos, encontramos a condenação ao furto, à cobiça, à mentira e à idolatria, que são restrições divinas válidas para todos os períodos históricos e regiões geográficas. Estes mandamentos, que também são conhecidos como a Lei Moral de Deus devido à natureza imutável dos seus princípios, podem ser encontrados no capítulo 20 do livro de Êxodo.

Será que todas estas leis mencionadas possuem o mesmo peso? Quais são as diferenças principais entre elas? Primeiramente, precisamos de lembrar, como já mencionado, que o método de registo ou anotação não foi o mesmo para todas. Deuterónimo 4:13 e 14 diz o seguinte:

“Então Ele vos anunciou a Sua aliança, isto é, os Dez Mandamentos, ordenando-vos obediência. E Ele os escreveu em duas tábuas de pedra. Ao mesmo tempo, o Senhor também me ordenou que vos ensinasse estatutos e precei-

tos, para que os cumprísseis na terra à qual vos dirigis para dela tomar posse”.

É possível perceber que a legislação divina é separada em dois grupos: os Dez Mandamentos, que representam uma aliança (ou acordo) entre Deus e os Seus seguidores, tendo sido escritos pelo Seu próprio dedo nas tábuas de pedra; e as outras leis, chamadas de “estatutos e preceitos”, que foram transmitidas oralmente a Moisés, para que ele ensinasse ao povo e as registasse em livros, como lemos em Êxodo 24:3 e 4.

Outra diferença importante diz respeito ao local onde estes registos foram guardados. O utensílio mais valioso do tabernáculo do povo de Israel era a arca da aliança: uma caixa de madeira revestida de ouro por dentro e por fora, e coberta com uma tampa de ouro maciço, denominada de “propiciatório”, sobre a qual a presença divina se manifestava para comunicar com Moisés (Êxodo 25:22). Foi justamente no interior desta caixa ou arca sagrada que Deus ordenou que fossem guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos, como lemos em Deuteronómio 10:4 e 5. Já os outros registos, escritos por Moisés em livros, deveriam ser mantidos ao lado

da arca, conforme descrito em Deuteronómio 31:24-26.

Para além disso, um factor fundamental que diferenciava os Mandamentos dos estatutos civis e preceitos cerimoniais era a validade dos mesmos. O código civil israelita tinha como propósito apresentar uma referência moral a um povo que não tinha noções claras de certo e errado. Por esta razão, muitas punições pareciam demasiado severas, justamente para que o povo entendesse a gravidade dos erros cometidos. No entanto, a aplicação destas regras deveria de ser temporária, até o povo entender o padrão moral de Deus e passar a utilizar normas e sanções compatíveis com a misericórdia divina. Uma prova disto é o facto de o próprio Cristo não ter aprovado o apedrejamento da mulher adúltera (João 8:3-11), que era uma sentença presente no antigo código civil. Como as leis civis regulamentavam situações comuns na Antiguidade, poderiam não ser válidas em períodos mais modernos da história.

As leis cerimoniais, cuja função era apontar para as situações relacionadas com a salvação da humanidade através do sacrifício futuro de Cristo, também tinham um prazo de validade. Portanto,

a obediência a estas leis só faria sentido até ao cumprimento da morte de Cristo. A Bíblia apresenta a descrição de um acontecimento intrigante, que ocorreu exactamente no momento em que Jesus morreu. Acompanhe a leitura de Mateus 27:51: "Depois de ter bradado novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito. Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram".

Porque razão o véu do santuário se rasgou ao meio? O que significava aquilo? Não é difícil de entender, uma vez que Deus estava a deixar claro que as cerimónias que aconteciam atrás daquele véu, e que eram uma representação do sacrifício de Cristo, tinham acabado de perder o seu sentido. Aquela lei de cerimónias e rituais tinha cumprido o seu papel, pelo que daqui em diante já não estaria mais em vigor.

E quanto à Lei Moral, aquela conhecida como a Lei dos Dez Mandamentos? Será que também tinha um prazo de vigência ou foi abolida no momento em que Cristo morreu? Vejamos o que o próprio Jesus fala sobre a duração da Lei de Deus. Em Mateus 5:17-19 lemos: "Não cuideis

que vim destruir a Lei ou os profetas; não vim abolir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o Céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei sem que tudo seja cumprido". De facto, Cristo estabeleceu a obediência aos Seus mandamentos como uma prova do nosso amor por Ele, ao dizer em João 14:15: "Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos". Isto significa que estes dez princípios morais não podem ser temporários, senão o nosso amor a Cristo também seria.

Diferentemente dos outros preceitos e estatutos, que possuíam a sua função dentro de um período ou contexto social específico, a Lei moral de Deus é atemporal e universal, isto é, possui princípios aplicáveis a qualquer cultura, local e época. Não tem, portanto, um carácter circunstancial, cuja validade dependa de um determinado cenário cultural e histórico. Deste modo, matar outra pessoa será sempre algo condenado por Deus, assim como o desrespeito aos pais.

É possível perceber que o propósito desta Lei moral era apresentar claramente todo o comportamento desaprovado por Deus, revelando dessa forma o pecado. Por isso, em

1 João 3:4 é dito que “toda a pessoa que vive costumeiramente a pecar também vive em rebeldia contra a Lei, pois o pecado é a transgressão da Lei”. Em outras palavras, transgredir a Lei moral de Deus significa estar numa condição de pecado diante dEle. Esta é a primeira função da Lei: mostrar claramente o que é o pecado. Como Paulo disse em Romanos 3:20: “Pela Lei vem o pleno conhecimento do pecado”. Para ficar mais claro, podemos dizer que a Lei faz o papel de um espelho, que mostra fielmente a nossa situação física. De igual modo, a Lei de Deus mostra a nossa situação espiritual, indicando exactamente onde estamos a errar e conduzindo ao reconhecimento das nossas falhas.

No entanto, reconhecer o erro é só a primeira parte do processo. Já aprendemos que a única esperança para uma alma em pecado é o perdão, que só pode ser obtido através do sacrifício feito por Cristo na cruz. Assim, se o primeiro propósito da Lei é mostrar a nossa condição perdida de pecador, a sua segunda função é evidenciar que a nossa única saída é aceitar a graça de Cristo. Foi isto que Paulo quis dizer ao escrever em Romanos 10:4 que “o fim da Lei é Cristo”.

E a Lei Moral, aquela conhecida como a Lei dos Dez Mandamentos? Será que também possui um prazo de vigência ou foi abolida no momento em que Cristo morreu? O próprio Jesus fala sobre a duração da Lei de Deus. Em Mateus 5:17-19 lemos:

“Não cuideis que vim destruir a Lei ou os profetas; não vim abolir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o Céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei sem que tudo seja cumprido”.

Cristo estabeleceu a obediência aos Seus mandamentos como uma prova do nosso amor por Ele, ao dizer em João 14:15: “Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos”. Isto significa que estes dez princípios morais não podem ser temporários, senão o nosso amor a Cristo também seria.



Algumas pessoas usam este texto para dizer que a Lei moral [dos Dez Mandamentos] terminou quando Cristo morreu. No entanto, não é bem assim. A palavra grega para a expressão "fim", encontrada neste versículo, é "telos", que significa finalidade, propósito, objectivo. Esta mesma palavra é utilizada por Pedro quando disse que devemos alcançar "o fim da nossa fé, que é a salvação da nossa alma" (1 Pedro 1:9). Ele quis dizer que a "finalidade" da nossa fé é a salvação. Da mesma forma, o propósito ou finalidade da Lei é guiar até Cristo, assim como o propósito do espelho é convencer da necessidade de lavar o rosto. O espelho não limpa, mas incentiva-nos a caminhar até à água, que representa Aquele que nos lava das nossas transgressões (Salmos 51:7).

Assim, se não existisse esta Lei, jamais teríamos conhecimento da magnitude da nossa sujidade por causa do pecado. Como diz Paulo em Romanos 7:7: "De facto, eu não saberia o que é o pecado, a não ser por meio da Lei. Pois, na realidade, eu não saberia o que é a cobiça, se a Lei não dissesse: Não cobiçarás". Este mesmo Paulo, em Romanos 3:31, garante que a Lei não foi anulada, mas sim confirmada pela

fé. É preciso entender que a Lei não possui um fim em si mesma, apontando para Cristo, o Autor e Consumador da nossa Fé (Hebreus 12:2).

É a Lei que apresenta a nossa condição indigna de pecadores diante de Deus e desperta em nós a necessidade de buscar o Seu perdão, pela fé no sacrifício que Cristo realizou na Cruz. A Lei leva-nos à graça de Cristo. Se ela fosse abolida, não sentiríamos a necessidade da Sua salvação, porque não identificaríamos a nossa condição de pecado, já que esse estado é revelado pela Lei.

Por isso, o apóstolo Paulo diz, em Romanos 4:15, que "onde não há Lei não há pecado". Martinho Lutero, o ícone da reforma protestante do século dezasseis, afirmou que "abolir a Lei é como abolir o pecado!". Anular a Lei de Deus é uma tentativa de imortalizar a transgressão. Sem a Lei, não teríamos parâmetros para identificar o pecado e os seus resultados.

Você conseguiu entender a lógica? Sem Lei, não existe pecado. Sem pecado, a pessoa não se sente condenada, e se não se sente assim, então não precisa da graça de Cristo para ser salva. Acontece que, com o passar do tempo, o inimigo de Deus tem in-

fluenciado as pessoas para acreditarem que a Lei de Deus perdeu a validade. Quando ele não consegue fazer isto, apela a uma estratégia mais subtil, registada em Daniel 7:25. Neste versículo, vemos um método muito eficiente usado por Satanás para lutar contra Deus e o Seu povo:

“Falará Palavras contra o Altíssimo e oprimirá os santos do Altíssimo; procurará mudar os tempos e a Lei”.

Percebeu a subtileza? O inimigo de Deus procura mudar a Lei, retirando alguns dos seus princípios e acrescentando outros falsos, pois dessa forma leva os seus seguidores a permanecerem no pecado sem terem consciência disso. Esta tática foi aplicada ao longo do século quatro, com a expansão da doutrina cristã entre os povos pagãos da Europa. Durante esta fase, muitos líderes cristãos fizeram concessões e retiraram princípios para tornar a religião mais popular e atrativa aos interessados. Como estas culturas pagãs estavam habituadas a adorar imagens de escultura de deuses falsos, a liderança da igreja acabou por ceder, tendo passado a permitir a reverência a imagens de personagens importantes da história cristã. Os cultos aos deuses pagãos foram substituídos por procis-

sões e homenagens às esculturas de supostos santos cristãos. Porém, o segundo mandamento da Lei entregue por Deus a Moisés proíbe a confecção e adoração de imagens de escultura (Êxodo 20:4-6). Para fugir da condenação deste mandamento, a liderança da igreja retirou esta ordenança da Lei de Deus e dividiu o décimo mandamento em duas partes, de forma a manter dez como número final.

As mudanças não pararam por aí. No ano 312 d.C., o imperador romano Constantino aceitou o cristianismo. Contudo, a sua conversão foi apenas uma farsa, movida por interesses políticos, pois ele não estava disposto a abdicar dos seus costumes pagãos. Uma prova disso está no facto de ele ter criado um decreto, a 7 de Março de 321, onde estabeleceu o Dia do Sol (domingo), comumente venerado pelos pagãos, como o dia oficial de culto e descanso cristão, dentro dos limites do vasto império romano. Porém, o dia santificado por Deus desde a criação (Génesis 2:3) e lembrado no quarto mandamento da Lei entregue a Moisés (Êxodo 20:8-11), é o sábado. Para resolver este problema, a igreja mudou novamente um mandamento, substituindo a

ordem divina de observância do sábado, que deveria ser uma lembrança de Deus como o nosso Criador, pelo domingo como um dia de festa e comemoração de origem pagã. Se tem dúvidas, é só comparar os Dez Mandamentos apresentados pelo catecismo católico com a versão original, registada em Êxodo 20:1-17 na Bíblia. As diferenças são claras.

Querido amigo e querida amiga, os preceitos da Lei Moral, apresentados nos Dez Mandamentos escritos pelo próprio dedo de Deus e entregues a Moisés, são uma expressão do Seu carácter santo e imutável. Respeitar estes princípios é uma prova de amor e um meio de protecção contra muitos efeitos nocivos do pecado. Fingir que esta Lei não é válida ou observá-la apenas pela metade são atitudes que desonram o nosso Deus. Lembre-se que Ele não espera uma fidelidade parcial. Tiago 2:10 diz que "todo aquele que guarda toda a Lei, mas tropeça num só ponto, torna-se culpado

de todos". Portanto, faça uma análise sincera de tudo o que foi aqui apresentado. Compare os textos bíblicos mencionados e tire as suas próprias conclusões, sempre com o cuidado de orar a Deus para que o Seu Santo Espírito guie o seu entendimento.

Acima de tudo, lembre-se que Deus o ama e que por isso decidiu enviar Cristo para livrá-lo do pecado. Este pecado só existe porque desobedecemos à Lei que é santa e que irá permanecer para toda a eternidade. Por esta razão, não existe maior prova de gratidão do que tornar-se num seguidor fiel dAquele que criou esta Lei, demonstrando o seu amor através da obediência voluntária, pelo poder da graça, aos Seus Mandamentos perfeitos.

Não existe maior privilégio do que fazer a vontade de Deus, após ter sido salvo pela Sua maravilhosa graça! Faça o teste, e descubra a alegria e a segurança que só podem ser encontradas quando caminhamos lado a lado com o nosso Pai celestial.





6 UM DIA PARA DESCANSAR

É provável já ter ouvido que o ser humano possui um “relógio interno”, popularmente conhecido como relógio biológico. Este mecanismo natural faz com que certas funções do corpo se repitam ou intensifiquem durante períodos definidos do dia. O exemplo mais comum é a necessidade diária de sono, uma vez que todos nós precisamos de um período de repouso a cada ciclo de 24 horas.

As pessoas que decidem passar mais de um dia sem dormir enfrentam sérios problemas de saúde, incluindo dificuldade de concentração e perda de memória, o que constitui uma prova da nossa necessidade de sono. Sendo assim, o nosso organismo depende de um intervalo de sono que deve ser repetido todos os dias. Para além disso, outras funções biológicas, relacionadas com a temperatura corporal, produção de hormonas, pressão sanguínea e batimentos cardíacos, também estão ligadas a ciclos diários, aumentando a sua intensidade em certos momentos do dia. O

nome dado a esta rotina que se repete a cada 24 horas é "ritmo" ou "ciclo circadiano".

Recentemente, muitos estudos científicos têm comprovado a existência de outro ciclo biológico importante, o ciclo semanal, também conhecido como "ritmo circaseptano", com uma duração superior a 24 horas. Sabia que, após um transplante de rim, o risco de rejeição atinge o ponto mais alto sete dias depois da cirurgia? É como se o sistema imunológico funcionasse dentro de um ciclo semanal e aumentasse a sua actividade exactamente sete dias após a identificação de um elemento estranho ao corpo. Esta é a mesma razão pela qual os sintomas de uma constipação costumam desaparecer depois de uma semana. Para além disso, os elementos relacionados com a produção hormonal, pressão sanguínea e ritmo cardíaco também seguem ciclos semanais. Não é interessante?

É como se o nosso organismo estivesse programado para funcionar dentro de períodos sucessivos de sete dias.

De facto, a origem da semana é bíblica. O relato da criação, registado no primeiro capítulo de Génesis, revela que o mundo foi criado em seis dias. Em Génesis 2:2 é dito o seguinte: "E, havendo Deus terminado no sétimo dia a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito". Obviamente, Deus, sendo um ser Todo-poderoso, não Se cansa (Isaías 40:28). Então, porque decidiu Ele acrescentar um dia à semana da criação, visto que todas as coisas já tinham sido criadas nos seis dias anteriores? A resposta é simples: Deus queria mostrar ao ser humano a importância do repouso semanal para o seu bem-estar. Afinal de contas, se fomos projectados para funcionar dentro de um ciclo de sete dias, precisamos de um dia de descanso antes de recomeçar, para garantir a nossa saúde e

Embora Deus tenha abençoado todos os dias da semana, Ele separou e santificou o sábado como um período solene, onde podemos nos aproximar do Criador para manter uma maior intimidade com Ele. O sábado é como um santuário ou uma igreja, só que no tempo.



produtividade. O Criador da “máquina” sabia o que estava a fazer. Ele conhecia e ainda conhece os nossos limites.

A duração da semana enquadra-se perfeitamente nas necessidades fisiológicas do ser humano. Esta realidade é tão forte que todas as tentativas para mudar o número de dias que a compõem fracassaram. Durante a Revolução Francesa, os líderes do movimento estabeleceram uma semana de dez dias, ou seja, um dia de repouso para cada nove dias de trabalho. A intenção era contrariar ou negar a religiosidade da semana bíblica, já que a maioria dos revolucionários eram ateus e odiavam o cristianismo. No entanto, apesar de ter durado 12 anos (1793-1805), a mudança não teve sucesso, principalmente devido ao desgaste gerado pelo excesso de trabalho. A Rússia também fez uma tentativa, de 1929 a 1931, tendo reduzido a semana de sete para cinco

dias. Ambas as mudanças trouxeram apenas problemas, provando que nunca é sábio tentar desviar-se do plano original de Deus.

Além da questão fisiológica, o descanso sabático também tem um sentido espiritual muito mais profundo. O sétimo dia da semana ou o dia de sábado foi escolhido por Deus como um dia de comunhão. A Bíblia diz em Génesis 2:3 que Deus não apenas abençoou o dia de sábado, como também “o santificou”. O que quer isto dizer? Santificar algo significa separar e consagrar a Deus. Tudo o que é santificado pelo Senhor transforma-se num elemento de ligação entre Ele e o ser humano. Este era o sentido do tabernáculo que Ele ordenou que fosse construído pelo povo de Israel no deserto. Aquele era um ambiente santo que deveria ser tratado com reverência. Embora Deus estivesse em todos os lugares, Ele manifestava-Se à congregação e estabelecia um contacto



mais íntimo com os Seus filhos no santuário. O sábado tem a mesma função. Apesar de Deus ter abençoado todos os dias da semana, Ele separou e santificou o sábado como um período solene, onde podemos nos aproximar do Criador para manter uma maior intimidade com Ele. O sábado é como um santuário ou uma igreja, só que no tempo.

Na verdade, o relato da criação é a comprovação de que a separação do sábado não foi um mandamento dado exclusivamente aos israelitas. Afinal de contas, ele foi estabelecido antes de existir Abraão, Isaque ou Jacó. Quando Deus entregou os Dez Mandamentos, escritos pelo Seu próprio dedo, a Moisés, Ele incluiu naquela Lei Moral um preceito dedicado exclusivamente à santificação desse dia. Tal foi feito para lembrar os israelitas do compromisso estabelecido desde a criação do mundo. Talvez não conheça muito bem esta instrução divina porque ela foi retirada dos mandamentos tradicionalmente ensinados pelo catecismo católico, e a própria comunidade evangélica costuma ignorar a sua validade. Por isso, vamos transcrevê-la a seguir, da mesma forma que se encontra em qualquer Bíblia:

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás o teu trabalho; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que vive contigo. Porque o Senhor fez em seis dias o Céu e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e no sétimo dia descansou. Por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

Este é o quarto mandamento da Lei de Deus. Ele é o único que faz referência à condição de Deus como o Criador, não apenas da humanidade, mas da Terra e de todos os seres vivos. Portanto, o sábado semanal é um memorial da criação, uma recordação de que tudo o que existe neste mundo foi criado por Deus. Por esta razão, todos os que reconhecem o Senhor como o Autor da vida devem usar as horas deste dia sagrado para estar em comunhão exclusiva com o seu Criador.

Infelizmente, o sentido original da guarda do sábado foi esquecido pelo povo de Deus. Depois dos judeus terem sido exilados para a Babilônia, após a destruição de Jerusalém e

do templo, alguns estudiosos do povo decidiram acrescentar novas leis aos mandamentos apresentados por Deus a Moisés. Estas novas regras, que eram baseadas na tradição oral e na interpretação pessoal dos mestres judeus, foram reunidas num livro chamado Talmude.

Este livro apresentava o sábado de uma maneira completamente distorcida. Em vez de mostrar que ele é um dia separado para a aproximação ao Criador, os judeus criaram inúmeras regras que, segundo a opinião deles, garantiriam a observância do mandamento. Estas normas tinham um carácter fanático e legalista, tornando a santificação do sábado um fardo pesado para os que tentavam guardar a Lei de Deus. Entre estas regras exageradas, estava a definição de quantas vezes uma peça de roupa poderia ser dobrada durante o sábado e a distância que poderia ser caminhada nesse dia. Até mesmo cuspir no chão era proibido, visto que esse acto poderia ser entendido como "regar o solo", o que era visto como um trabalho condenável para esse dia.

Quando Cristo esteve neste mundo, uma das Suas maiores preocupações foi restaurar o sentido original

da Lei, que tinha se perdido diante do legalismo dos mestres judeus. Por essa razão, Ele não cumpria as tradições do Talmude, inclusive as que diziam respeito ao sábado.

Por isso, era frequentemente acusado pelos fariseus de transgredir a guarda do descanso sabático. Certa vez, foi questionado pelos Seus inimigos se era permitido curar alguém no sábado. A Sua resposta veio na forma de uma pergunta reflexiva: "Quem de vós é o homem que, se tiver uma só ovelha e num sábado ela cair num buraco, não a pegará e tirará de lá? Quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Portanto, é permitido fazer o bem no sábado" (Mateus 12:11 e 12).

Desta forma, Jesus procurava eliminar as falhas da tradição dos fariseus e tentava mostrar o verdadeiro objectivo do sábado: estar em comunhão com Deus e compartilhar do Seu amor por todos os seres criados. O sábado deveria de ser um presente para o ser humano e não um fardo. Por esta razão, Ele afirmou que "o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Marcos 2:27). Não fazia parte do plano de Deus que o sábado fosse transformado num conjunto

de regras vazias, mas sim que fosse visto como uma dádiva para toda a humanidade.

Jesus nunca teve a intenção de invalidar o quarto mandamento da Lei de Deus. Ele mesmo disse, em Mateus 5:17, que não veio “para abolir a Lei, mas para cumpri-la”. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje diz que Ele veio para dar um sentido completo à Lei. Cristo estava a apresentar aos Seus seguidores a maneira correcta de guardar o dia sagrado. Uma prova do valor que Ele dava ao sábado estava no hábito de frequentar a sinagoga nesse dia (Lucas 4:16) e de, numa certa ocasião, profetizar a respeito dos eventos que ocorreriam após a Sua morte, tendo dito que os Seus seguidores deviam orar, para que a fuga deles de Jerusalém não acontecesse no sábado (Mateus 24:20).

Para além disso, os amigos mais próximos de Cristo também compreendiam que o dia de sábado era sagrado e que deveria ser dedicado à adoração a Deus. Mesmo após a morte do Messias, os Seus seguidores continuaram a mostrar reverência por este dia. A Bíblia diz que Cristo morreu por volta da hora nona, ou seja, pelas três horas da tarde (Marcos 15:34). Isto aconte-

ceu numa sexta-feira, que é chamada, nas Escrituras, de “dia da preparação”, por ser o dia em que os servos de Deus realizam todos os preparativos necessários para o devido repouso sabático. Depois do corpo de Jesus ter sido colocado no sepulcro, algumas mulheres que acompanhavam de perto o Seu ministério prepararam todo o material necessário para embalsamá-lo. No entanto, como o dia estava a terminar e logo começaria o santo sábado, elas adiaram os planos e só retornaram ao sepulcro no domingo de manhã.

Leia comigo o relato de Lucas 23:54-56 e 24:1 na Nova Tradução na Linguagem de Hoje: “Isso foi na sexta-feira, e já estava para começar o sábado. As mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia foram com José e viram o túmulo e como Jesus tinha sido colocado ali. Depois voltaram para casa e prepararam perfumes e óleos para passar no corpo dEle. E no sábado elas descansaram, conforme a Lei manda. [...] No primeiro dia da semana, bem de madrugada, elas foram ao sepulcro, levando as essências aromáticas que tinham preparado”.

Ainda assim, algumas pessoas insistem em afirmar que

o sábado perdeu a sua validade após a morte de Cristo. Se isto fosse verdade, os apóstolos teriam sido os primeiros a abandonar esta prática. Todavia, não é isso que observamos nos relatos bíblicos. Em Actos 18:4 é dito que o apóstolo Paulo, após a sua conversão, frequentava a sinagoga todos os sábados, discutindo acerca dos assuntos relacionados com o evangelho. Em Actos 13:44 é afirmado que quase toda a cidade de Antioquia se reuniu para ouvir uma pregação feita por Paulo no sábado. Alguns argumentam que o motivo desta prática seria puramente missionário, uma vez que Paulo, ao saber que os judeus se reuniam aos sábados, aproveitava-se disso para pregar o evangelho à maior quantidade possível de pessoas que já tinham

conhecimento das Escrituras. Mas o que acontecia quando Paulo estava num local onde não existiam sinagogas? A Bíblia diz que, numa ocasião em que Paulo, Silas e Timóteo estavam a viajar pela região da Macedónia, na Grécia, eles chegaram à cidade de Filipos, onde ficaram durante alguns dias. Como aquela cidade não tinha comunidades judaicas, não havia nenhuma sinagoga que Paulo pudesse frequentar para dar testemunho de Cristo. Diante disto, o que Paulo e os seus amigos decidiram fazer durante o sábado? Veja o que a Bíblia diz:

“No sábado, saímos da cidade para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar de oração. E, sentados, falávamos às mulheres ali reunidas” (Actos 16:13).

Porque razão Paulo decidiu sair da cidade e dirigir-se a um lugar afastado, junto à natureza, onde pudesse orar? Ele não tinha nenhum compromisso religioso oficial e podia ter aproveitado aquele dia para trabalhar. Afinal de contas, ele tinha a ocupação de fabricar tendas (Actos 18:3), pelo que todo o seu tempo livre deveria ser aplicado nessa função. Porém, em vez disso, eles saíram do conturbado e agitado ambiente urbano, e



Quando Cristo esteve neste mundo, uma das Suas maiores preocupações era restaurar o sentido original da Lei, que tinha se perdido diante do legalismo dos mestres judeus.

Jesus procurava eliminar as falhas da tradição dos fariseus e tentava mostrar o verdadeiro objectivo do sábado: estar em comunhão com Deus e compartilhar do Seu amor por todos os seres criados. O sábado deveria de ser um presente para o ser humano e não um fardo. Por isso mesmo, Ele afirmou que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27).



procuraram refúgio junto das obras que Deus criou, para estarem em comunhão com Aquele que estabeleceu o sábado como um momento de consagração e união entre a Divindade e a humanidade.

Já aprendemos, nos nossos estudos anteriores, que durante o século quatro a igreja romana, ao procurar facilitar a aceitação do cristianismo pelos povos pagãos, decidiu alterar o dia de adoração a Deus de sábado para domingo, que era o dia da semana dedicado ao “deus sol”. Esta mudança, que não possui base bíblica, foi oficializada pelo imperador Constantino em 321 d.C., através de um decreto que definia o primeiro dia da semana como um dia de descanso, válido para todo o império romano.

O próprio Cristo deixou claro que a Lei de Deus jamais seria alterada, nem mesmo nos seus detalhes mínimos

(Mateus 5:18), quanto mais na exclusão de um mandamento tão importante. Em Ezequiel 20:20 é dito que o sábado é um sinal entre Deus e os Seus seguidores, razão pela qual deve ser santificado.

Na verdade, a maior prova de que o plano de Deus é que o sábado seja guardado para sempre, está na profecia escrita por Isaías, que fala da adoração dos salvos por toda a eternidade:

“E acontecerá que toda a humanidade virá adorar perante Mim, desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, diz o Senhor” (Isaías 66:23).

Afinal de contas, como é que o Senhor deseja que usemos as horas do sábado? Como podemos fazer desse dia sagrado uma fonte de bênçãos para as nossas vidas? A primeira coisa que precisamos de entender é que o sábado

foi idealizado por Deus para o nosso crescimento espiritual, através de momentos de comunhão mais íntimos com Ele. Muitas vezes, as tarefas e responsabilidades quotidianas impedem-nos de despender todo o tempo que gostaríamos para estar em contacto com o Criador. Por isso, Ele convida-nos a fazer uma pausa nas actividades profissionais, académicas e mesmo de lazer, para podermos ouvir a Sua voz com mais clareza. Este é o sentido do descanso sabático. Não é um descanso meramente físico, mas uma mudança de foco, um exercício de exclusividade, onde deixamos de lado aquilo que está ligado ao nosso interesse particular e investimos no que leva a benefícios eternos. Estes benefícios chegam até nós através do estudo das Escrituras, do contacto com a natureza, da comunhão com irmãos que se reúnem para aprender mais do Evangelho, da participação em projectos assistenciais e actividades missionárias. Tudo isto permite desfrutar dos inúmeros privilégios reservados aqueles que compreendem o valor do

sábado e sentem prazer na comunhão com o Senhor, a ponto de chamarem esse santo dia de "deleitoso" (Isaías 58:13).

Querido leitor, não é por acaso que a Palavra de Deus se refere ao sábado como o "sinal", a marca de distinção entre Ele e o Seu povo. Entender e admitir a importância do sábado significa reconhecer que o Senhor é o nosso Criador e o único digno de adoração e honra. Este dia foi estabelecido por Deus como uma prova do Seu amor pela humanidade. É um dia em que podemos esquecer de todas as nossas preocupações terrenas e colocarmo-nos em ligação com Aquele que não apenas nos criou, como nos sustenta dia após dia; é um momento no qual somos convidados a contemplar as inúmeras provas do poder e da sabedoria de Deus, através das belas obras da natureza, recebendo a esperança de que este mundo será restaurado, um dia, à sua perfeição original.

O que acha de começar a desfrutar deste maravilhoso presente de Deus?



7 O QUE OCORRE APÓS A MORTE?

Existem poucos assuntos que conseguem despertar tanto o interesse da humanidade ao longo de toda a sua história, como o tema deste artigo: “a vida após a morte”. Há duas razões principais para que esta questão seja tão explorada, praticamente por todas as culturas e épocas.

Primeiro, contém um elemento de mistério envolvido, já que nunca foram encontradas evidências científicas do que ocorre com a consciência de alguém após o último suspiro. Apesar de existirem diversos casos de pessoas que sofreram paragens cardiorrespiratórias, os relatos são tão distintos que não são considerados confiáveis. Para além disso, criamos interesse por este assunto porque todos temos a certeza de que um dia iremos morrer.

Afinal de contas, segundo as leis físicas e biológicas, a morte é a consequência inevitável da vida, razão pela qual nos identificamos tanto com

este tema e nos esforçamos para desvendar o próximo passo após esta barreira natural.

Felizmente, a Bíblia, como fonte inesgotável de sabedoria, dá as respostas. Por isso, iremos estudar o que ela tem a dizer a respeito do que ocorre além da sepultura. Antes de tudo, se queremos descobrir o que acontece depois da morte, precisamos de entender melhor o processo que nos permite ter vida. A Bíblia diz, em Génesis, qual a fórmula usada por Deus para dar vida a Adão:

“E o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; o homem tornou-se alma vivente” (Génesis 2:7).

Há três elementos principais mencionados nesta equação da vida. O “pó da terra” (1) seria o corpo humano inanimado, que Deus formou a partir de substâncias existentes na natureza. De facto, os principais elementos químicos que compõem o corpo humano, como o oxigénio, carbono, hidrogénio, nitrogénio, cálcio e fósforo, podem ser encontrados em abundância no solo. Além do corpo, a Bíblia menciona o “fôlego da vida” (2), que foi soprado nas narinas do homem por Deus. Este elemento

seria o princípio vital que torna um corpo inanimado num ser vivo. Por isso, após a união do pó da terra com o fôlego da vida, é dito que o homem tornou-se uma “alma vivente” (3).

É possível verificar que o texto não diz que o homem passou a “ter uma alma”, mas sim a “ser uma alma”, uma vez que a palavra hebraica para “alma” (nephesh) está sempre associada a um ser vivo, sendo traduzida, na maioria das vezes, por “vida” ou “criatura”. Tal significa que a ideia de “alma”, na Bíblia, não representa um “espírito desencarnado”, mas um ser consciente e capaz de tomar decisões. Até mesmo os seres irracionais são descritos como “almas”, como em Génesis 1:20: “E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus”. Para além disso, em Ezequiel 18:20 é dito que “a alma que pecar, essa morrerá”. É evidente que, se existe a possibilidade de pecar e morrer, a “alma” precisa de representar uma pessoa em vida. Aliás, até ao século dezoito, a língua portuguesa usava a palavra “alma” apenas no sentido de “pessoa” e não como um “espírito desencarnado”, como é comum aplicar actualmente.

A equação da vida

Há três elementos principais mencionados nesta equação da vida.

1) O "pó da terra":

Seria o corpo humano inanimado, que Deus formou a partir de substâncias existentes na natureza. De facto, os principais elementos químicos que compõem o corpo humano, como o oxigénio, carbono, hidrogénio, nitrogénio, cálcio e fósforo, podem ser encontrados em abundância no solo.



2) O "fôlego da vida"

Que foi soprado nas narinas do homem por Deus. Este elemento seria o princípio vital que torna um corpo inanimado num ser vivo.



3) A "alma vivente"

Após a união do pó da terra com o fôlego da vida, é dito que o homem tornou-se uma "alma vivente".



Na morte, o caminho inverso é percorrido. O corpo sem vida retorna ao pó da terra e o espírito volta a Deus. Mas o que seria esse espírito? A palavra hebraica traduzida como "espírito", no antigo testamento é "ruach", que significa "sopro" ou "fôlego"; isto é, o espírito mencionado neste versículo é o próprio fôlego de vida, que retorna a Deus. Para além disso, se esta palavra referisse um "espírito desencarnado", o texto estaria a dizer que todos aqueles que morrem, tanto bons como maus, são levados para o Céu, o que seria uma enorme incoerência. Este fôlego que retorna a Deus refere-se, portanto, ao próprio "dom da vida", concedido a todos os seres vivos, inclusive animais, como podemos confirmar em Eclesiastes 3:19.

Um exemplo que facilita a compreensão da formação da vida é o que ocorre com uma lâmpada que se acende. Para que haja luz, é preciso haver outros dois elementos: uma lâmpada e energia eléctrica. Quando estes dois factores são unidos, a lâmpada acende-se e surge a luz! No caso da vida, os dois elementos são o "pó da terra" e o "fôlego de Deus", ou seja, a união do corpo inanimado com o fôlego da vida, que dá origem a um ser vivo ou "alma vivente".

E o que acontece quando morremos? A Palavra de Deus também esclarece este processo: "E o pó volte à terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Eclesiastes 12:7).

É possível perceber que, na morte, o caminho inverso é percorrido. O corpo sem vida retorna ao pó da terra e o espírito volta a Deus. Mas o que seria esse espírito? A palavra hebraica traduzida como "espírito", no antigo testamento é "ruach", que significa "sopro" ou "fôlego"; isto é, o espírito mencionado neste versículo é o próprio fôlego de vida, que retorna a Deus. Para além disso, se esta palavra referisse um "espírito desencarnado", o texto estaria a dizer que todos aqueles que morrem, tanto

bons como maus, são levados para o Céu, o que seria uma enorme incoerência. Este fôlego que retorna a Deus refere-se, portanto, ao próprio "dom da vida", concedido a todos os seres vivos, inclusive animais, como podemos confirmar em Eclesiastes 3:19. Sem este princípio vital, o ser humano não pode mais ser uma "alma", porque já não tem vida. É como se o interruptor fosse desligado: sem energia eléctrica (fôlego de vida), a lâmpada (corpo) apaga-se e já não existe luz (alma/vida).

Porém, apesar de termos desvendado todo o mecanismo envolvido na morte, ainda é preciso entender o que sucede após este momento fatídico. Muitas pessoas consideram a morte como uma passagem. Embora a Bíblia deixe claro que a alma só existe enquanto estamos vivos, muitos sustentam a ideia de que, na morte, ocorre a desencarnação de uma entidade sem corpo físico, um espírito que seria capaz de vaguear pelo mundo, mantendo as lembranças que possuía em vida e permanecendo sujeito aos mesmos sentimentos e emoções. Outros acreditam que este "espírito" consciente é transportado até ao paraíso (se a pessoa for boa) ou inferno (se for má), permanecendo

nestes locais por toda a eternidade. Existem também aqueles que acreditam na ideia de que o espírito "reencarna" noutra pessoa que acabou de nascer.

A Bíblia, no entanto, não apoia nenhum destes pontos de vista. A morte é apresentada, na palavra de Deus, como um estado de inconsciência total, onde o morto não é mais capaz de tomar decisões ou sentir emoções, estando totalmente alheio do que acontece no mundo dos vivos. Veja:

"Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o com todas as tuas forças, porque na sepultura, para onde vais, não há trabalho, nem projecto, nem conhecimento, nem sabedoria" (Eclesiastes 9:10).

"Quando lhes sai o espírito, eles voltam ao pó; nesse mesmo dia, cessam todos os seus planos" (Salmos 146:4).

O salmista afirma que, quando o espírito (fôlego de vida) sai dos homens, eles voltam ao pó e todos os seus planos terminam, porque não existe mais uma mente pensante (alma), mas apenas corpos inanimados.

De facto, ao falar sobre a morte, Jó compara este estado a um sono:

"Assim como o homem se deita e não se levanta; não acordará nem será desperta-

do do seu sono, até que não haja mais céu" (Jó 14:12).

Davi também usa a expressão "sono da morte" em Salmos 13:3. Esta comparação também é usada pelo próprio Cristo, no episódio da morte de Lázaro:

"E, tendo dito isso, [Jesus] acrescentou: nosso amigo, Lázaro, adormeceu; mas vou despertá-lo do sono. E os discípulos lhe disseram: Senhor, se ele está a dormir, ficará bom. Jesus havia se referido à morte de Lázaro; mas eles entenderam que ele falava do sono. Então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu" (João 11:11-14).

Jesus, o próprio doador da vida, sabia exactamente o que acontecia durante a morte. Por ser uma condição de inconsciência, a melhor forma que encontrou para se referir à mesma foi comparando-a com o sono.

Agora pense: se Cristo apresentou a morte como um sono, significa que os que morrem irão um dia despertar, certo? De facto, a ressurreição é uma das doutrinas mais evidentes e recorrentes das Escrituras Sagradas. Veja o relato do apóstolo Paulo acerca do que acontecerá nos últimos momentos da história deste mundo:

“Afirmando pela palavra do Senhor que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já faleceram. Porque, ouvida a voz do Arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá do céu com grande brado, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Tessalonicenses 4:15 e 16).

Desta forma, a ideia da ressurreição anula a teoria da transferência imediata de uma “alma desencarnada” para o Céu. Afinal de contas, porque razão Cristo precisaria de ressuscitar alguém que já estava a viver feliz ao lado dEle?

Alguns tentam resolver esta questão ao afirmar que, no momento da ressurreição, a “alma desencarnada” do morto volta do céu até ao corpo sem vida e “encarna” novamente. No entanto, esta ideia não possui fundamento bíblico, pois a recompensa prometida aos servos de Deus não é concedida logo após a sua morte, mas sim após a sua ressurreição. Veja alguns versículos que comprovam isto:

“A tua retribuição será na ressurreição dos justos” (Lucas 14:14).

“Venho em breve, e trago a recompensa, com a qual retribuirei a cada um segundo a

sua obra” (Apocalipse 22:12).

O apóstolo Paulo compreendia que a coroa da justiça que iria receber do Senhor estava guardada para lhe ser entregue no dia da vinda de Cristo, juntamente com a recompensa de todos os demais salvos:

“Desde agora a coroa da justiça me está reservada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos os que amarem a Sua vinda” (2 Timóteo 4:16).

Esta frase diz que ninguém pode experimentar as alegrias do céu, nem a companhia de Deus e dos anjos, antes de ser ressuscitado por Cristo. Por isso, a ideia de que somos imediatamente transportados para o paraíso após a morte não tem origem na Palavra de Deus.

E quanto àqueles que não foram fiéis e rejeitaram a graça salvadora de Cristo? O que acontecerá com eles? Se os salvos irão ser ressuscitados por Cristo para viverem eternamente ao lado dEle, será que os perdidos permanecem indefinidamente neste estado de inconsciência?

A Bíblia diz que aqueles que negaram a salvação oferecida por Deus receberão uma punição, mas não ime-

diatamente após a morte. Jesus diz o seguinte:

“Não vos admireis disso, porque virá a hora, em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação” (João 5:28 e 29).

As pessoas que não irão desfrutar da vida eterna também serão ressuscitadas, num momento futuro, para sofrerem a consequência das suas escolhas. Mas quanto tempo dura esta punição? Alguns acreditam na existência de um local de punição eterna, chamado de “inferno”, onde os pecadores devem sofrer. De facto, a palavra inferno aparece várias vezes nas Escrituras, não possuindo em nenhuma delas este sentido.

No Antigo Testamento, a palavra hebraica de inferno traduzida é “sheol”, que na realidade significa “morte”, “sepultura” ou “cova”. Muitas traduções mais actuais já fizeram esta correcção, mantendo o sentido original do texto, como em Salmos 86:13, onde Davi agradece a Deus por tê-lo livrado das profundezas da morte (sheol).

Já no Novo Testamento, a palavra inferno geralmente

aparece associada à palavra grega “hades”, que também pode ser entendida como “morte” ou “sepultura”. Por exemplo, em Actos 2:27, é descrita uma profecia sobre Cristo ao dizer que Deus não deixaria a Sua vida no túmulo (hades). De facto, Jesus foi ressuscitado.

No entanto, a ideia de inferno também costuma ser associada à referência que a Bíblia faz da punição dos pecadores no juízo final. Jesus, em Mateus 25:41 e 46, usa as expressões “fogo eterno” e “castigo eterno” para mencionar o destino dos perdidos.

Contudo, precisamos de ter em mente que a ideia de eternidade na Bíblia nem sempre representa algo “sem fim”, sendo também usada para descrever um evento específico que teria consequências eternas. Um exemplo claro é a comparação entre a destruição de Sodoma e Gomorra, e as tais “chamas eternas”:

“À semelhança desses anjos, Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas que praticaram imoralidade e relações sexuais contra a natureza, foram postas como exemplo, sofrendo a pena do FOGO ETERNO” (Judas 1:7).

É óbvio que as cidades de Sodoma e Gomorra não estão a queimar até hoje, pois

o fogo que as consumiu não durou para sempre. Todavia, as consequências da sua destruição continuaram, já que nunca mais foram reconstruídas. É exactamente isto que acontecerá com os ímpios: eles nunca mais existirão.

Outra passagem que gera dúvidas está em Apocalipse 14:11, onde é dito que o fumo do tormento dos perdidos subirá "para todo o sempre". Mais uma vez, trata-se de uma figura de linguagem. A expressão "para sempre", na Bíblia, muitas vezes tem o sentido de "até ao fim da vida". Por exemplo, 1 Samuel 1:22 diz que a mãe de Samuel o levaria para ser apresentado no templo e que ele permaneceria lá "para sempre", o que significa que Samuel serviu como sacerdote no templo durante toda a sua vida.

Portanto, podemos entender que o castigo experimentado pelos ímpios ressuscitados terá um fim. Em Apocalipse 20:9 é dito que as chamadas "devoram", ou seja, "consumem" os inimigos de Deus. Em Malaquias 4:3 é dito que os maus serão transformados em cinzas para serem pisados no dia do juízo. Não existe, por isso, a menor base teológica para acreditar que os ímpios passarão a eternidade

a se contorcer num lago de fogo, sob a direcção do próprio Satanás. A origem desta crença, que é pagã, vem da mitologia grega. Na verdade, o maior argumento contra a ideia do "tormento eterno" é muito simples: "Deus é amor" (1 João 1:4). Pense: a noção de um Deus amoroso é simplesmente incompatível com a ideia de um ambiente onde o sofrimento dos pecadores seria perpetuado. É impossível acreditar que um Pai misericordioso seria capaz de permitir que os seres criados por Ele passassem a eternidade em dor e agonia.

Pode estar a perguntar: mas se Deus é amor, porque vai condenar tantas pessoas à morte eterna? Veja bem, Deus NUNCA teve o desejo de destruir pecadores. As suas palavras são claras:

"Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim em que o ímpio se converta do seu caminho e viva" (Ezequiel 33:11).

A guerra de Deus é contra o pecado e não contra o pecador. Tudo o que existe de mau no mundo é consequência directa da desobediência à Lei de Deus. Por isso, para que o universo possa ser restaurado à perfeição que pos-

suía no princípio, é necessário que o pecado seja destruído. O problema é que todos aqueles que decidirem se agarrar ao pecado, rejeitando a oferta de salvação de Cristo, também deixarão de existir. A intenção de Deus nunca foi causar dor ao ser humano. A escolha da vida ou da morte cabe a cada um de nós, pois somos responsáveis pela consequência das nossas decisões. Por mais amoroso que seja, Deus não pode nos forçar a aceitá-LO e amá-LO. Ele respeita as nossas escolhas.

Querido amigo e amiga, a morte nunca esteve nos planos de Deus. Ele criou cada um de nós para viver eternamente, razão pela qual achamos tão assustadora a ideia de deixar de existir. Não é um "ciclo natural", como alguns tentam argumentar. E foi justamente para permitir

que o ser humano cumprisse o seu intuito original que Deus enviou o Seu Filho para sofrer as consequências dos nossos pecados, e nos conceder a maravilhosa esperança de uma vida que não tem fim. Cristo venceu as cadeias da morte, para que você nunca mais precise temê-la.

Se decidir entregar a sua vida nas mãos do Salvador, poderá descansar na segurança de que nem mesmo a morte o separará do Seu amor (Romanos 8:38). A tristeza da despedida e a saudade da separação são temporárias para aqueles que confiam em Deus. Através da fé, tenha a certeza de que a sua vida está escondida nas mãos d'Aquele que tem autoridade para dizer: "Eu Sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, mesmo que morra, viverá" (João 11:25).



Sua felicidade começa hoje

Portal: www.tempodepaz.com.br

QUER APRENDER
MAIS SOBRE A BÍBLIA?

CURSOS BÍBLICOS
ONLINE

CONTACTE-NOS





PORQUE EXISTEM TANTAS RELIGIÕES?

Diferente dos outros seres vivos, o ser humano é o único que possui, dentro de si, o desejo de ter uma relação com algo que lhe é superior. Esta busca interior é chamada de “espiritualidade”, que nos leva a procurar, incessantemente, um significado maior para a vida, além dos conceitos do mundo físico natural.

Nesta busca, surgem crenças e conceitos que, ao serem reunidos e ensinados, formam a ideia geral de “religião”, que significa justamente o “esforço para se religar ao Criador”.

Num planeta com uma diversidade tão grande de culturas e etnias, é natural esperar que existam inúmeras visões sobre o mundo espiritual. Poderíamos classificar as principais religiões do planeta em cinco grandes grupos: cristianismo, judaísmo, islamismo, budismo e hinduísmo. Cada uma delas tem um conjunto básico de crenças e uma visão específica do universo. As diferenças, em muitos casos, são tão grandes que tornam quase impossível uma conciliação ideológica entre os seus pontos de

vista. Infelizmente, esta situação acaba por dar margem a conflitos e disputas entre os seus representantes mais tradicionais.

Diante disto, a primeira coisa que precisamos de entender, quando abordamos a espiritualidade de alguém, é que a escolha religiosa é uma questão de opinião, pelo que deve ser devidamente respeitada. Ninguém é obrigado a aceitar a crença de outra pessoa e, acima de tudo, ninguém pode ser punido por rejeitar uma doutrina religiosa.

No entanto, é importante entender que, embora todos tenham o direito a ter as suas próprias opiniões, isto não significa que são todas correctas. Esta é a diferença fundamental entre uma opinião e um gosto pessoal. No caso de um gosto, não podemos definir um critério de avaliação para o que seria certo ou errado. Por exemplo, eu posso gostar da comida com menos pimenta, enquanto que o meu irmão prefere um tempero mais forte. Esta diferença não implica que algum de nós esteja mais correcto que o outro. Porém, quando se trata de descobrir uma verdade que pode ser comprovada por um critério definido, não importa quantas opiniões existem sobre o assunto, pois apenas uma é, de facto, verdadeira.

Como podemos então definir o critério para avaliar qual das grandes religiões mencionadas seria a mais "correcta"

ou verdadeira? Como todos os nossos estudos têm sido baseados na Bíblia, iremos utilizar as informações contidas no Livro Sagrado como o critério para determinar a Verdade.

No livro de Actos 4:12, o apóstolo Pedro diz o seguinte acerca de Jesus: "E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do Céu nenhum outro nome há dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos". Para além desta citação, o próprio Cristo, em João 14:6, descreve a Si mesmo como "o Caminho, a Verdade e a Vida", assim como o único meio através do qual o ser humano pode alcançar o Pai.

A partir destas passagens bíblicas, podemos concluir que o critério básico, para avaliar se uma religião está no caminho correcto, é saber se ela reconhece Jesus como o verdadeiro Filho de Deus e o único Salvador da humanidade.

Com base nisto, entre as grandes religiões que citámos, apenas o cristianismo se enquadra nesta condição, uma vez que é a única que define Cristo como o Filho de Deus e o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

Todavia, esta questão ainda está longe de ser resolvida. Afinal de contas, mesmo entre as religiões que formam o universo cristão, há uma série de diferenças significativas. Ainda que todas compartilhem da mesma verdade quanto à pessoa de Cristo e ao Seu papel na redenção humana,

não existe um consenso pleno a respeito das outras verdades periféricas, mas fundamentais, apresentadas na Bíblia.

Este cenário de desarmonia vai muito além das diferenças entre catolicismo e protestantismo. Segundo a edição de 2001 da World Christian Encyclopedia, há mais de 33 mil denominações cristãs. Cada uma delas define as suas doutrinas a partir de uma interpretação particular dos princípios apresentados na Bíblia. Como é possível existir tantas visões diferentes sobre o mesmo assunto? Será que cada pessoa tem o direito de interpretar as Escrituras de acordo com as suas preferências pessoais?

Em primeiro lugar, é importante ter em mente um princípio básico de interpretação de texto: mesmo que existam inúmeras visões a respeito de uma obra, a visão do autor deve sempre prevalecer sobre as restantes. Por exemplo, quando analisamos um poema, somos inclinados a interpretá-lo de acordo com as nossas próprias experiências. Contudo, nenhuma destas visões pessoais é capaz de mudar a intenção original que o poeta tinha ao escrevê-lo.

Da mesma forma, não importa quantas interpretações diferentes existem a respeito da Bíblia, pois apenas uma delas pode ser correcta, porque o Autor é apenas um: o próprio Deus.

Apesar das Escrituras terem sido produzidas por muitos

homens, a inspiração vinha do mesmo lugar. Paulo, em 2 Timóteo 3:16, diz que “toda a Escritura é divinamente inspirada”. E se existe apenas uma Bíblia, escrita por um único Autor, só é possível existir também uma única verdade! Esta verdade absoluta deve ser o critério para avaliar qual religião é, de facto, a mais correcta nas suas interpretações.

O grande desafio, no entanto, é conseguir discernir esta verdade a partir da leitura do texto bíblico. Por esta razão, o primeiro passo para a compreensão da Bíblia é justamente pedir a orientação directa do seu Autor. Através da oração sincera, devemos estar dispostos a abrir mão de todo o preconceito e ideias pessoais, permitindo que o mesmo Espírito que inspirou os escritores humanos do Livro Sagrado possa nos explicar o significado de cada passagem. Se você é sincero na sua busca pelo conhecimento da vontade de Deus, pode ter a certeza de que Ele irá ajudá-lo a compreender o sentido original de cada versículo, e o guiará rumo à verdade absoluta da Sua Palavra.

Para entendermos os critérios que definem a religião verdadeira, precisamos de compreender o conceito original de “igreja”, conforme apresentado pela Bíblia. Em Actos 2:41, 42, 46 e 47, encontramos o seguinte: “Desse modo, os que acolheram a sua palavra foram batizados [...] e eles perseveravam no ensino dos

apóstolos, e na comunhão, no partir do pão e nas orações [...] e perseverando de comum acordo todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus, e contando com o favor de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar". Aqui percebemos que o termo "igreja" era utilizado para representar uma comunidade composta por pessoas que compartilhavam o interesse de aprender a doutrina dos apóstolos, manter comunhão uns com os outros e intimidade com Deus.

Actualmente, muitas pessoas acreditam que uma igreja formalmente organizada é um elemento desnecessário para o desenvolvimento da espiritualidade. Existem alguns que nutrem inclusive um preconceito tão profundo contra a ideia de religião, que consideram melhor não frequentar nenhuma igreja, acreditando que o ideal é buscar a Deus de uma maneira independente, sem pertencer a uma denominação.

No entanto, a Bíblia dá claras evidências de que a organização formal de uma comunidade cristã é fundamental para o fortalecimento da própria fé e para o cumprimento dos propósitos missionários que devem ser a prioridade de todos os seus seguidores. O próprio apóstolo Paulo, embora tivesse recebido directamente de Cristo o chamado para um tra-

balho de evangelização especial, reconhecia a autoridade da igreja e respeitava a sua hierarquia, submetendo-se às decisões tomadas pela liderança, como podemos notar em Actos 15:2.

Uma vez esclarecida a importância de uma religião organizada, o próximo passo, na nossa procura pela verdadeira denominação, é entender como a Palavra de Deus se refere à igreja dEle. Para evidenciar a relação de intimidade que precisa de existir entre Deus e o Seu povo, a Bíblia costuma utilizar a expressão "mulher" ou "noiva" para se referir à igreja verdadeira. Por exemplo, este conselho dado pelo apóstolo Paulo, em Efésios 5:25, ilustra isso: "Maridos, cada um de vós ame a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e a Si mesmo Se entregou por ela". Além deste versículo, outros trechos da Bíblia confirmam esta metáfora, como Isaías 54:5 e 6, e 2 Coríntios 11:2.

O texto de Apocalipse 12:17 fala de um conflito, onde o dragão se enfureceu contra a mulher e atacou os seus filhos. Esta linguagem, embora repleta de simbolismo, não é difícil de ser compreendida. O versículo 9 do mesmo capítulo identifica o dragão como Satanás e a expressão "mulher" refere-se à igreja fiel. Assim, a Bíblia diz que Satanás (o dragão) procurou destruir os representantes da igreja verdadeira (filhos da mulher). O ponto central desta passagem bíblica está

nos atributos que caracterizam os membros da igreja de Deus. Veja o que diz o versículo 9 na íntegra: “O dragão se enfureceu contra a mulher, e saiu para atacar os demais filhos dela, os que guardam os mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus”.

Finalmente, encontrámos os principais critérios que irão definir a verdadeira igreja de acordo com a instrução da Bíblia: a guarda dos mandamentos de Deus e a presença do Testemunho de Jesus.

O que seriam estes mandamentos citados no texto de Apocalipse? Anteriormente, já estudámos sobre a Lei moral de Deus, também conhecida como os “Dez Mandamentos”, um conjunto de preceitos escritos pelo próprio dedo de Deus em tábuas de pedra. Esta Lei é imutável, pois a validade dos seus princípios não depende da época, cultura ou localização geográfica, sendo universal e atemporal. A obediência destes mandamentos revela a sinceridade do amor que temos por Cristo, que morreu para nos salvar (João 14:15), e testifica o nosso compromisso com a verdade (1 João 3:24).

O segundo critério é a presença do Testemunho de Jesus. De acordo com Apocalipse 19:10, este testemunho é identificado como o “Espírito de profecia”, que consiste na presença do dom profético manifestado pela igreja, não no sentido de sobrepor-se ao texto bíblico, mas com o objectivo

de esclarecer e interpretar questões fundamentais relacionadas, principalmente, com o período actual da história deste mundo.

A partir disto, é possível concluir que a religião verdadeira é aquela cujas doutrinas e práticas estão em pleno acordo com a vontade de Deus, revelada através da Sua Palavra. Sendo assim, a religião verdadeira não contraria os princípios e orientações morais descritos nas Escrituras.

Durante muito tempo, a estratégia usada por Satanás para afastar o ser humano da verdade e tentar destruir a igreja verdadeira, foi perseguir os seus membros (ou os filhos da mulher, conforme Apocalipse). Ele conduziu essa perseguição de maneira violenta, muitas vezes em nome de Deus, quando a igreja romana, após se corromper, torturava e matava aqueles que discordavam dos seus dogmas. Durante a idade média, esses supostos “hereges” eram condenados e assassinados pelo temido tribunal da Inquisição. Desta maneira, o dragão tentou silenciar, pela força, aqueles que se empenhavam em defender a verdade pura, como era apresentada na Bíblia. Contudo, ele não conseguiu concretizar o seu objectivo, uma vez que a verdade foi preservada pelas mãos de poucos fiéis.

No entanto, nos tempos modernos, a estratégia de Satanás tornou-se mais sofisticada. Ao invés de usar violência explícita, ele

optou por confundir aqueles que desejam seguir a Deus, criando um ambiente tão carregado de doutrinas equivocadas, que a verdade ficou escondida no meio de um mar de religiões e filosofias contraditórias e vazias. Este método subtil consiste em induzir as pessoas a interpretarem a Bíblia à sua maneira, o que cria meias-verdades ou verdades artificiais que se adequam a pontos de vista particulares.

Hoje em dia, há doutrinas para todos os gostos. A verdade está a ser apresentada como algo relativo. Para muitos, o importante é sentir-se bem consigo mesmo, independentemente da doutrina e filosofia seguida. A fé tornou-se apenas um “estado de espírito”. Todavia, isto nunca anulou e nunca anulará o facto de que a verdade de Deus é real e única. A Sua Palavra descreve a igreja fiel como aquela que apresenta Jesus como Salvador e não omite o ensino dos Seus mandamentos.

Querido amigo e querida amiga, neste momento necessita de fazer uma análise sincera a respeito da sua posição religiosa. Ao longo da nossa série de estudos, acompanhou a exposição de diversas verdades, baseadas inteiramente nos registos da Palavra de Deus. As questões como a salvação somente pela graça, o estado dos mortos, a importância do sábado e diversos outros princípios, foram abordados de uma forma clara e honesta, confirma-

dos por textos retirados directamente das Escrituras Sagradas, os quais pode conferir na sua Bíblia.

Faça a si mesmo as seguintes perguntas: “A igreja a que pertença tem cumprido os requisitos bíblicos de uma denominação verdadeira? Ela ensina que Jesus é o Salvador e também o Senhor da minha vida? As suas doutrinas são baseadas somente na Palavra de Deus? A religião a que pertença ensina o valor dos Mandamentos de Deus, do modo como foram escritos pelo próprio Senhor, nas tábuas da Lei?”.

Após estudar tudo isto, já está em condições de avaliar, com base na Bíblia, a condição das religiões que estão ao seu redor. Você não deve frequentar uma igreja apenas porque ela está perto da sua casa, gosta do estilo de música e da companhia das pessoas, promete-lhe curas sobrenaturais e prosperidade e, muito menos, porque faz parte da sua tradição familiar. Deus tem enviado a luz do Seu conhecimento contido na Bíblia, esperando que você use esse maravilhoso privilégio para descobrir e viver as verdades que o tempo não apaga.

Hoje, o convite que eu lhe desejo fazer é: continue a estudar a Palavra do Senhor e permita que ela revele toda a sua beleza e intensidade na sua vida. Deus tem uma verdade. Deus tem uma igreja. E caso você decida, com sinceridade, buscar ao Senhor, tudo isto lhe será revelado.





9

SEGREDOS DA LONGEVIDADE

O prêmio Nobel da Medicina de 2009 foi entregue aos biólogos norte-americanos Jack Szostak, Carol Greider e Elizabeth Blackburn.

Este trio ganhou o prêmio devido aos seus estudos na área da genética, especialmente sobre uma parte do DNA chamada “telômero”, que tem uma enorme importância no processo de divisão das células do nosso corpo.

A pesar de poder parecer um tema muito distante dos seus interesses pessoais, a verdade é que os resultados desta pesquisa podem fazer toda a diferença na sua vida.

No interior de cada célula do corpo, existe um código de instruções básicas que o tornam no que você é. Este código, conhecido popularmente como “código genético”, está presente nas longas sequências de DNA, denominadas de cromossomas. Nas extremidades dos cromossomas (estruturas com formato de bastões), estão os telômeros, porções de DNA aparentemente inúteis por não trans-

mitirem nenhuma informação ao corpo. Cada vez que uma célula se divide (o que acontece muitas vezes por dia), os cromossomas ficam mais curtos, pois as suas extremidades não regeneram. Assim, os telómeros desgastam-se a cada divisão celular, para evitar que o material genético realmente importante seja afectado pelo processo, ao actuarem como um mecanismo de protecção biológica do DNA e impedir que ocorram defeitos quando a célula se reproduz. Estes defeitos conduzem (1) a várias doenças, (2) ao envelhecimento, incluindo às rugas e manchas de pele e, (3) em última análise, à morte.

À medida que envelhecemos, os nossos telómeros diminuem até estarmos perto de morrer, quando são quase inexistentes. Eles funcionariam então como um "relógio biológico", que marcaria o tempo da nossa passagem por este mundo. Será que existe uma maneira de reverter esta situação? Seria possível aumentar os telómeros a fim de retardar o nosso envelhecimento? A ciência diz que sim.

As pesquisas na área da saúde concluíram que existem, basicamente, quatro factores que protegem os telómeros contra as lesões:

1. Hábitos alimentares saudáveis
2. Actividade física regular
3. Gestão do stress
4. Boas relações sociais

Novidade? Hoje em dia, a moderna medicina genómica confirma a importância fundamental de um estilo de vida saudável para prolongar a vida, pelo que viver mais e melhor não constitui um grande mistério.

Tudo depende de si: da sua atitude em relação à comida, da prática de actividade física e do modo como lida com o stress.

Há um velho ditado oriental que diz o seguinte: "Se você quer viver mais e com qualidade, faça três coisas: coma a metade, caminhe o dobro, sorria o triplo".

Este interessante ditado revela as três principais causas da maioria das doenças modernas: (1) comer demasiado e de forma errada; (2) ser sedentário ou praticar pouco exercício, e (3) viver infeliz e ansioso.

Você identifica-se com algum destes erros? Acredito que sim. Mas e agora? O que pode fazer para mudar? A resposta está no próprio ditado: "coma a metade, caminhe o dobro e sorria o triplo". Apesar

de não precisarmos de encarar este conselho de maneira literal, podemos extrair lições práticas e valiosas desta filosofia.

Coma a metade

A primeira parte fala sobre a importância da nutrição. A dieta vegetariana representa um passo rumo a um plano alimentar saudável e ecológico. Existem centenas de trabalhos científicos que exaltam o valor do vegetarianismo.

Loma Linda é uma colônia secular de vegetarianos nos EUA, sendo também o local que possui níveis mais altos de longevidade naquele país. Neste sítio, as pessoas vivem quase dez anos a mais do que a média da população norte-americana. Contudo, excluir só a carne não é suficiente, pois a alimentação deve ser natural, equilibrada e cuidadosamente planeada.

Um estudo realizado no Estado da Bahia, publicado na Revista de Ciências Médicas e Biológicas, teve como objectivo explicar a causa da longevidade de vários habitantes do pequeno Município de Santa Inês. Entre os factores apontados pelo estudo, são citados os bons hábitos de vida e uma dieta com menos calorias.

“Os indivíduos idosos e longevos relataram hábitos

saudáveis de vida, com realização de actividades físicas, assim como nutrição com dieta hipocalórica, o que pode também ter contribuído para a sua longevidade”. Os estudos da função celular mostram que os factores relacionados com o envelhecimento (entre eles a redução dos telómeros) são detidos pela simples diminuição da quantidade de comida.

Os que ingerem menos calorias têm esta pequena estrutura genética de longevidade preservada durante mais tempo. Segundo os estudos da Universidade Americana de Wisconsin, os genes sofrem variações mínimas com um regime hipocalórico [com baixa ingestão de calorias].

Mas cuidado! Comer menos não deve ser sinónimo de dieta pobre!

É também importante lembrar outros aspectos fundamentais da alimentação saudável, para além da quantidade de comida ingerida:

1. Sal além do necessário pode comprometer qualquer regime saudável. A OMS recomenda um consumo de sal inferior a 5 gramas diárias na dieta de uma pessoa adulta. Muitas pessoas ingerem sal em excesso sem perceber,



Salomão, o sábio, já dizia
há mais de dois mil anos que:
"O CORAÇÃO ALEGRE É COMO O
BOM REMÉDIO, MAS O ESPÍRITO
ABATIDO SECA ATÉ OS OSSOS"
Provérbios 17:22

pois o seu paladar perdeu a sensibilidade.

2. Mastigar bem, muito bem, é essencial.
3. Evitar os doces, os refrigerantes, o açúcar, as massas e os alimentos gordurosos é, hoje em dia, um consenso entre os especialistas na área da nutrição.

Caminhe o dobro

A segunda parte do ditado, "caminhe o dobro", está associada à prática regular de exercício físico. A sociedade actual suporta os males do sedentarismo crónico.

A correria da vida moderna e a procura por conforto levam as pessoas a cultivarem hábitos que exigem cada vez menos esforço. Como resultado, os índices de obesidade e doenças relacionadas nunca foram tão altos. Porém, este quadro pode ser evitado (e revertido) se investirmos mais tempo na prática de actividade física, especialmente aeróbica.

As caminhadas regulares, pelo menos 30 minutos cinco vezes por semana, irão proporcionar ao seu corpo um benefício inigualável. Não há função que não melhore!

Estará a contribuir para a prevenção do cancro, das doenças cardiovasculares, da hipertensão arterial, da diabetes e até da depressão. Fantástico, não é? Contudo, antes de iniciar o seu programa pessoal de actividade física, converse com o seu médico.

Sorria o triplo

Salomão, o sábio, já dizia há mais de dois mil anos que "o coração alegre é como o bom remédio, mas o espírito abatido seca até os ossos" (Provérbios 17:22).

Hoje em dia, não há mais dúvidas de que a imunidade humana é sensivelmente diminuída na presença de um humor depressivo, ficando o sistema imunológico debilitado. Sorrir é, realmente, o melhor remédio. As pessoas bem humoradas têm uma melhor digestão e saúde em geral.

Um dos factores que influenciam directamente a felicidade é a qualidade (e quantidade) de sono. Quem nunca ouviu falar de alguém que fica mal-humorado quando não dorme bem? Uma boa noite de sono é fundamental para a recuperação do corpo e da mente. Durante o sono, fixamos o que aprendemos durante o dia. Nesta ocasião, o nosso organismo fortalece o sistema imunológico ao libertar hormonas fundamentais e promove a reconstrução muscular. Procure dormir pelo menos sete horas por noite e irá, em pouco tempo, colher os benefícios de um repouso adequado.

A nossa alegria também depende da maneira como lidamos com a ansiedade. Se quer aumentar a sua expectativa de vida, encare os problemas com outros olhos. Para superar ou pelo menos controlar a ansiedade, devemos seguir o bom conselho do apóstolo Pedro: "Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós" (1 Pedro 5:7). O segredo é confiar em Deus e procurar não se desesperar. Como diziam os antigos chineses, "se o teu mal tem cura, porque te preocupas? Se o teu mal não tem cura, para quê te preocupares?".

Para controlarmos o stress, precisamos de manter boas relações com Deus, com o próximo e connosco mesmos. E quando estamos bem com Deus, os outros níveis de relacionamento irão se acertar naturalmente, inclusive na família. Fique bem com Deus e ficará bem com você mesmo e as outras pessoas.

A saúde é o nosso maior património. Na terceira carta do apóstolo João, no versículo 2, a Bíblia declara: "Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde". O nosso corpo pertence a Deus e temos que cuidar dele. Veja o que está registado em 1 Coríntios 3:16 e 17: "Não sabeis vós que sois templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?". Eis a razão mais forte para cuidarmos da nossa saúde. O nosso corpo é habitação do próprio Deus.

Pare e pense: a que distância me encontro do plano de vida que Deus preparou para mim? Ele quer que eu tenha saúde e seja feliz. E não é só isso (senão seria um plano muito egoísta); Ele quer que eu esteja bem para poder ajudar quem está mal!

É hora de tomar uma decisão, da qual jamais se arrependerá. Responda: Onde estou a errar na minha dieta? Em que

preciso melhorar? E como posso melhorar? O que preciso de excluir e o que devo acrescentar? E na questão da actividade física? Sou muito sedentário? Não está na hora de procurar orientação profissional para começar a me exercitar? E, acima de tudo, como está o meu interior, a minha vida emocional e espiritual? Tenho alegria, tenho paz? O segredo de estar bem comigo mesmo e com os que me rodeiam é estar bem com Deus. Porque não fazer as pazes com Ele agora mesmo?

Conforme a sua decisão, você terá, no futuro, motivos de arrependimento ou comemoração. Portanto, faça a escolha certa agora e seja feliz! Lembre-se que as verdades aqui apresentadas nunca se apagarão, mas mudarão a sua vida por completo.

¹ A **medicina genômica** é desenvolvida com base nas pesquisas do genoma humano, o mapeamento genético de nosso DNA. Consiste basicamente em fazer testes de DNA para mapear as condições do indivíduo, e oferecer informações sobre as predisposições genéticas de cada um, permitindo ao médico ou equipe de médicos monitorar a saúde do paciente, e propor tratamentos mais eficazes.





10 } A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Poucos lugares proporcionam uma carga de emoção tão grande como os aeroportos e rodoviárias das grandes cidades. Nestes locais, encontra-se uma combinação de sentimentos intensos e muitas vezes opostos. A alegria do reencontro mistura-se com a tristeza da despedida. Como é doloroso ver a partida daqueles que amamos e que não veremos durante um longo tempo!

Na despedida de Jesus não poderia ter sido diferente. Depois de três anos e meio de convívio diário, compartilhando dos mais diversos momentos, tendo experiências encantadoras e vendo o poder de Deus a se manifestar a todo o instante, chegou, enfim, a hora da despedida.

A tristeza estava estampada em cada rosto. Certamente, os Seus fiéis seguidores temiam nunca mais ver o amado Mestre. No meio de uma dor tão grande, Jesus começou o seu último discurso com uma linda promessa. Ele disse: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa do Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se Eu for e

“Mas, quanto ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão somente o Pai” (Mateus 24:36).

No entanto, embora não possamos determinar com precisão o momento em que Jesus irá retornar, Ele mesmo deixou claro que, quando esse tempo se aproximasse, teríamos diversas evidências de que faltaria muito pouco para o Seu esperado regresso. No Seu discurso acerca dos sinais da Sua volta, Cristo afirmou:

“Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares” (Mateus 24:7).



vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que, onde Eu estiver, estejais vós também” (João 14:1-3).

Que promessa confortadora! Jesus garantiu que, embora tivesse de subir aos céus, não Se esqueceria dos Seus discípulos. Pelo contrário, Ele deixou claro que uma das Suas tarefas, enquanto estivesse “na casa do Seu Pai”, seria justamente preparar um lugar especial para os Seus amigos, onde todos pudessem habitar juntos, retornando depois para buscá-los.

Ainda assim, aquele dia foi marcado por apreensão e tristeza. A Bíblia diz que Jesus foi subindo e, mesmo depois de ter desaparecido entre as nuvens, os discípulos permaneceram a olhar fixamente para o céu. Nessa altura, apareceram os anjos de Deus para reforçar a promessa dEle. Os mensageiros celestiais garantiram: “Galileus, porque vocês estão a olhar para o céu? Este mesmo Jesus, que entre vocês foi elevado ao céu, voltará da mesma forma como O viram subir” (Actos 1:11).

Esta cena ocorreu há quase dois mil anos. E aquela promessa, feita por Cristo não apenas aos discípulos ali presentes, mas também a cada um dos Seus futuros seguidores, ainda não se cumpriu. Porquê esta aparente demora? O que terá acontecido? Será que o Mestre se esqueceu do compromisso que firmou com aqueles que têm aguardado ansiosamente o Seu retorno? Após

se passarem séculos, os que divulgam o segundo advento do Senhor têm sido vítimas de gozo e hostilidade. Até mesmo os primeiros cristãos tiveram de enfrentar oposição a esse respeito.

O apóstolo Pedro, na sua segunda carta, menciona a razão para a aparente demora do retorno de Jesus a este mundo:

“O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a considerem demorada. Mas Ele é paciente connosco e não quer que ninguém pereça, mas que todos venham a se arrepender” (2 Pedro 3:9).

Tal significa que o suposto atraso de Cristo pode ser entendido como uma prova de amor pelas pessoas que ainda não estão preparadas para o Seu retorno. Desta forma, a demora que acarreta frustração para alguns, é motivo de grande alegria para aqueles que tiveram a oportunidade de ouvir as boas novas da salvação neste meio tempo. Afinal de contas, se Jesus tivesse retornado há dois anos, você não conseguiria receber as bênçãos desta série de estudos sobre a Palavra de Deus. Talvez nem acreditasse na Bíblia ou em Jesus.

Para além disso, esta demora é relativa. Embora o mundo tenha esperado pelo retorno de Cristo durante quase dois mil anos, ninguém espera mais do que uma vida, sendo esse o tempo máximo que cada pessoa precisa de aguar-

dar. E consideremos, o que são 70 ou 80 anos para alguém que deseja viver por toda a eternidade?

O problema é que o ser humano é muito impaciente e não resiste à tentação de marcar datas para o retorno de Jesus, com bases mais diversas teorias. Obviamente, nenhuma das previsões foi cumprida até hoje, o que traz ainda mais descrédito à promessa tantas vezes repetida na Bíblia. Infelizmente, estes “videntes” esquecem-se de considerar uma advertência dada pelo próprio Cristo para aqueles que julgam ser possível determinar o momento do Seu retorno a este mundo. Veja o que Ele disse aos Seus discípulos a respeito da Sua vinda:

“Mas, quanto ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão somente o Pai” (Mateus 24:36).

Isto deveria ser razão mais do que suficiente para as pessoas deixarem de fazer especulações a respeito da data exacta a que o Senhor voltará a este mundo.

No entanto, embora não possamos determinar com precisão o momento em que Jesus irá retornar, Ele mesmo deixou claro que, quando esse tempo se aproximasse, teríamos diversas evidências de que faltaria muito pouco para o Seu esperado regresso. No Seu discurso acerca dos sinais da Sua volta, Cristo afirmou:

“Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra

reino, e haverá fomes, e pestes, e terramotos, em vários lugares” (Mateus 24:7).

O clima de instabilidade política em que o mundo se encontra actualmente não pode ser ignorado. A oposição entre governos, o medo de conflitos e as ameaças de atentados terroristas, são sinais de que estamos a viver numa panela de pressão prestes a explodir. Além disso, o crescimento da desigualdade social torna a pobreza e a fome problemas crónicos e generalizados. E o que dizer a respeito das epidemias globais que têm se tornado cada vez mais comuns nos últimos anos? A gripe suína, o Ebola e agora o vírus Zika, alastraram-se com extrema facilidade e aterrorizaram populações de todo o planeta. Os terramotos que geram tsunamis e os demais desastres naturais também se tornaram cada vez mais comuns, com a justificação de que o clima está desregulado. Mesmo as pessoas que não são religiosas entendem que a condição do planeta, em termos sociais, políticos e mesmo ambientais, não é positiva, e que as perspectivas não são animadoras.

Há também profecias relacionadas com o comportamento das pessoas. Jesus menciona:

“Como aconteceu nos dias de Noé, também acontecerá nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento [...] E tam-

bém como aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e construíam [...] Assim será no dia em que o Filho do Homem Se manifestar” (Lucas 17:26-30).

É possível verificar que os versículos falam em “casar-se, comer, beber, comprar, construir”, comportamentos perfeitamente normais, que podem transformar-se numa maldição quando praticados de maneira exagerada e desregrada. Esta era a condição dos dias de Noé e de Ló, antes do juízo divino. O que notamos ao olhar para a nossa sociedade actual? Os relacionamentos tornaram-se compromissos banais. Os casamentos começam e terminam como um mero acordo comercial. Não existe mais empenho em manter o voto feito diante de Deus.

Outra marca registada dos tempos modernos é a gula. Embora a fome seja um dos maiores problemas do mundo, as pesquisas indicam que há mais pessoas acima do peso do que abaixo dele. A oferta de comida (de má qualidade) nunca foi tão grande, e o ser humano nunca se alimentou tanto e, ao mesmo tempo, tão mal.

O consumismo também se destaca entre os sinais mencionados. Comprar e vender tornou-se uma prioridade na vida de muitas pessoas, dado que somos avaliados pelo que temos. O amor ao dinheiro e às posses ocupa o centro das atenções.

Além de todos estes sinais, o apóstolo Paulo faz uma descrição impressionante de como serão as relações humanas nos últimos dias:

“Nos últimos dias haverá tempos difíceis; pois os homens se amarão a si mesmos, serão gananciosos, arrogantes, presunçosos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, incapazes de perdoar, caluniadores, descontrolados, cruéis, inimigos do bem, traidores, insequentos, orgulhosos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus, com aparência de religiosidade, mas rejeitando-lhe o poder” (2 Timóteo 3:1-5).

O texto dispensa comentários. A precisão dos detalhes mencionados por Paulo é uma evidência nítida de que estamos a viver nos tais “últimos dias” profetizados pela Palavra de Deus.

Mas, afinal de contas, como será este evento tão esperado? A Bíblia fornece detalhes a respeito do momento em que Cristo Se manifestará novamente ao mundo? Vejamos o que dizem alguns versículos relacionados com a segunda vinda de Cristo, também conhecida como o “segundo advento”:

“Quando, pois, o Filho do homem vier na Sua glória, e todos os anjos com Ele, então Se sentará no Seu trono glorioso” (Mateus 25:31).

“Ele vem com as nuvens, e todo o olho O verá” (Apocalipse 1:7).

A Palavra de Deus descreve a segunda vinda de Cristo como um evento público e grandioso, que será testemunhado por todas as pessoas do mundo. Diferente da Sua primeira vinda, Ele retornará a este mundo revestido de pleno poder e grande glória, acompanhado de uma multidão de anjos. Não se trata, portanto, de uma vinda secreta ou oculta, mas de um evento de natureza global, que será o centro da atenção de todos.

Para além do espectáculo visual, o que irá de facto acontecer como consequência deste retorno glorioso? Cristo prometeu que viria buscar aqueles que foram fiéis. O apóstolo Paulo explica como isso ocorrerá:

“Porque, ouvida a voz do Arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá do Céu com grande brado, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor” (1 Tessalonicenses 4:16 e 17).

Segundo o relato bíblico, Cristo surgirá de maneira visível entre as nuvens nos céus, e pelo poder do próprio som da Sua voz, Ele ressuscitará todos os Seus seguidores que já descansam na sepultura, para que, unidos aos vivos, sejam arrebatados para se encontrarem com Ele nas

alturas. Que promessa maravilhosa! Encontrar-se com Jesus para nunca mais se separar!

Infelizmente, nem todos os habitantes da terra terão este destino. O retorno de Jesus trará um enorme alívio para os que estiveram a aguardar o Seu retorno. Contudo, será um motivo de desespero para aqueles que rejeitaram a oportunidade de salvação oferecida por Ele. A Bíblia diz, em Apocalipse 6:15, que todos aqueles que não forem salvos, tanto ricos como pobres, irão procurar refúgio nas cavernas e nas rochas das montanhas, com medo das consequências dos seus erros. Este medo será despertado pela destruição que o próprio planeta enfrentará, com o retorno de Jesus. O apóstolo Paulo diz:

“Quando o Senhor Jesus vier do céu e aparecer junto com os Seus anjos poderosos, no meio de chamas de fogo, para castigar os que rejeitam a Deus e não obedecem ao evangelho do nosso Senhor Jesus” (2 Tessalonicenses 2:7 e 8).

Apesar de já termos mencionado num dos nossos estudos anteriores, é sempre importante lembrar que Deus não tem prazer na destruição dos ímpios (Ezequiel 33:11). A Sua vontade é que todos sejam salvos. Porém, Ele não obrigará ninguém a aceitar a Sua Graça. A escolha de receber o perdão e abandonar o pecado cabe a cada um de nós. O problema é que nenhum traço de

iniquidade pode suportar a santa presença de Deus, pelo que todos aqueles que permanecerem unidos ao pecado, quando Cristo retornar, serão inevitavelmente destruídos. O resplendor da glória do Senhor elimina tudo o que não estiver purificado pelo sangue de Cristo. E isso inclui aqueles que rejeitaram o seu sacrifício como o único meio de serem limpos do pecado.

A Bíblia diz que Satanás, ao contrário daqueles que decidiram segui-lo, não será morto pela ocasião da vinda de Cristo. Em vez disso, ele ficará preso a este mundo, sem ter ninguém para tentar e molestar, durante mil anos (Apocalipse 20:2 e 3). O que ocorrerá durante este milénio, enquanto a Terra estiver desolada e os salvos estiverem com Cristo nos Céus? Na continuação da sua visão dos eventos, após a volta de Cristo, João diz ter visto “alguns tronos, e foi dado o poder de julgar aos que neles se assentaram” (Apocalipse 20:4). O apóstolo Paulo esclarece quem são aqueles que se encarregarão dessa tarefa:

“Ou não sabeis que os santos julgarão o mundo? [...] Não sabeis que iremos julgar os anjos?” (1 Coríntios 6:2 e 3).

Tal significa que, durante mil anos, os salvos irão dedicar tempo para analisar a vida de cada um dos que se perderam. Mas porquê? Qual é o propósito de Deus ao exigir esta função dos que já estiverem salvos no Céu?

Pense na seguinte situação: pode ser que alguém que sempre aparentou ser um ótimo cristão não tenha sido salvo, porque nunca entregou genuinamente a sua vida a Deus. Para evitar questionamentos acerca da justiça do julgamento divino, os salvos terão a oportunidade de avaliar a vida daquela pessoa, para que todos os motivos que impediram a sua salvação sejam claramente expostos. Isto ocorrerá até mesmo com cada um dos anjos maus que foram expulsos do céu. Não haverá nenhuma ponta de dúvida acerca da rectidão do juízo de Deus.

No final deste período de mil anos, a Bíblia diz que a Nova Jerusalém, a cidade santa onde todos os salvos irão viver, durante o milénio, descerá dos Céus até à Terra (Apocalipse 21:2). Para além disso, todos os ímpios, incluindo aqueles que morreram quando Cristo retornou, serão ressuscitados (Apocalipse 20:5), e Satanás estará novamente livre para enganar os que acabaram de reviver, incentivando-os a lutar contra Deus e a invadir a Sua cidade. Veja a descrição bíblica:

“Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da prisão e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra [...] a fim de juntá-las para a guerra. Elas subiram por toda a extensão da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade amada, mas desceu fogo do Céu e as devorou” (Apo-

calipse 20:7-9).

Este será o triste fim de todos os que estiverem ao lado de Satanás no grande conflito entre o bem e o mal: serão consumidos pelo fogo. A partir desse momento, o pecado deixará de existir no universo. A palavra de Deus diz que a angústia não se levantará por duas vezes (Naum 1:9), o que significa que não haverá mais a possibilidade do mal ressurgir, pois ficará comprovado, diante de todas as criaturas, que a desobediência e a rebelião só trazem dor e sofrimento.

Agora os filhos de Deus poderão viver em paz na presença do Senhor. Talvez esteja a perguntar: mas nós continuaremos a viver neste mundo desolado? Afinal de contas, a Nova Jerusalém estará aqui, e Cristo deixou claro que os mansos herdarão a Terra (Mateus 5:5) e não os Céus. Todavia, a Terra a que Ele Se referiu não será igual à que contemplamos hoje, pois ela será completamente restaurada à sua perfeição original. Por isso, a Palavra de Deus descreve o estado final do nosso planeta como uma “Nova Terra” (Isaías 65:17).

Será um mundo perfeito, onde não haverá mais morte, tristeza ou lágrimas (Apocalipse 21:4); as deficiências físicas não existirão (Isaías 35:5 e 6); a natureza deixará de ser hostil (Isaías 11:6-8); a violência acabará (Isaías 60:18); e todos os salvos empreenderão projectos pessoais



**“Quando, pois,
o Filho do homem
vier na Sua glória,
e todos os anjos com
Ele, então Se sentará
no Seu trono glorioso”
(Mateus 25:31).**

**“Ele vem com
as nuvens, e todo
o olho O verá”
(Apocalipse 1:7).**

e permanecerão em plena atividade (Isaías 65:21 e 22), sem precisar de se preocupar com o desgaste físico ou fadiga mental.

Parece impossível imaginar um lugar tão magnífico. De facto, por mais que nos esforcemos, não conseguiremos vislumbrar todas as maravilhas que aguardam aqueles que viverão eternamente na Terra restaurada. Como disse o apóstolo Paulo:

“As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração humano, são as que Deus preparou para os que O amam” (1 Coríntios 2:9).

Mesmo diante de tantas belezas e bênçãos físicas, você sabe qual será a alegria que ocupará o primeiro lugar no coração de todos os salvos? O privilégio indescrevível de morar, para sempre, na presença do próprio Deus (Apocalipse 21:3) e contemplar Cristo, o nosso amado Redentor, face a face (Apocalipse 22:4).

Querido(a), você foi criado por Deus para passar a eternida-

de ao lado dEle. Esta é a razão da sua existência: viver feliz junto do seu Criador. Por esta razão, Ele tem trabalhado e insistido incansavelmente para que você aceite a oferta da salvação que está ao seu dispor. Ele já demonstrou o tamanho do Seu amor ao perdô-lo, pagando com a vida do próprio Filho a sua dívida. E, dia após dia, tem dado inúmeras provas do Seu cuidado, proteção e paciência. Talvez não tenha percebido, mas esta série de estudos é mais uma tentativa de chamar a sua atenção, de modo a que abra o seu coração para que o Espírito Santo actue e o convença a entregar a sua vida nas mãos feridas dAquele que o amou mais do que a Si mesmo.

Não resista mais a este chamado. Não demore nem mais um minuto para atender ao convite. Tome agora mesmo a decisão de viver esta verdade libertadora, que nem mesmo a Eternidade será capaz de apagar: **VOCÊ É O OBJECTO DO INFINITO AMOR DE DEUS.**

VERDADES QUE O TEMPO NÃO APAGA

Para saber mais:

Se você deseja saber mais sobre o tema que acabou de ser apresentado, escreva para os endereços abaixo e solicite agora mesmo um curso bíblico. Você também pode fazer um curso bíblico on-line diretamente no site: www.conectadoscomdeus.net.

- 1 Apartado 2400 - 1109-001 - Lisboa
- 2 E-mail: contato@conectadoscomdeus.net
asdmr@asdmr.org

 facebook.com/conectadoscurso

Se preferir visite a Igreja Adventista do Sétimo Dia - Movimento de Reforma mais próxima de você, através dos endereços abaixo ou visite nosso site: www.acheumaigreja.com.br, onde poderá encontrar a localização em outras cidades e bairros.

ALGUNS DE NOSSOS ENDEREÇOS EM PORTUGAL:

ADVENTISTAS
DO SÉTIMO DIA
MOVIMENTO
DE REFORMA

Almada-Laranjeiro: Rua Gomes Leal, 32 - 2810-385 LARNJEIRO/ALMADA
Estremoz: Rua Serpa Pinto, 28 A - 7100-452 ESTREMOZ
Gaia: Rua do Jardim, 279 Loja - Vilar do Paraíso - 4405-827 VILA NOVA DE GAIA
Leiria - Barracão: Rua D. Dinis, 61 - Barracão - 2420-195 COLMEIAS
Lisboa: Praça Nuno Rodrigues dos Santos, 3D - 1600-171 LISBOA
Montijo: Rua Joaquim de Almeida, 142 - 2870-342 MONTIJO
Portimão: Urbanização das Romanzeiras, Lt 13A - Sítio das Cardosas - 8500-690 PORTIMÃO
Seixal: Rua de São Pedro, 3 - 2840-509 SEIXAL

NOSSOS ENDEREÇOS EM ALGUMAS CAPITALS DO BRASIL:

São Paulo, SP: Rua Amaro Bezerra Cavalcanti, 618. Bairro: Vila Matilde. CEP 03513-010. Telefone: (11) 2651-2044

Rio de Janeiro, RJ: Rua Barbosa, 230. Bairro: Cascadura. CEP 21350-020. Telefone: (21) 2269-6249 e 2269-6198

Brasília, DF: Av. W5, SGAN, Q. 914 L. B. Bairro: Asa Norte. CEP 70790-140. Telefone: (61) 3272-0848

ALGUNS DE NOSSOS ENDEREÇOS EM OUTROS PAÍSES DE FALA PORTUGUESA:

Em Angola: Rua Maçon, SN, Bairro Sapú, Distrito Urbano do Kalimba Kiaxi, Cx. Postal nº 10608, Luanda - Tel. 925427349 / 923445239

Em Moçambique: Cidade Chimoio, Bairro Vila Nova - Moçambique
Tel. 821074817 e 825988106

Em Cabo Verde, Mali, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Nova Guiné:
Endereço através do email: info@sdarm.org

Cabo Verde: Caixa Postal 1010 - Praia Ilha de Santiago - Cidade da Praia - Cabo Verde

São Tomé e Príncipe: Penha Boa Morte - Cx. Postal 338 - São Tomé e Príncipe

Veja os nossos endereços em outros 100 países: www.sdarm.org/locations/church-list


Tempo de Paz

Sua felicidade começa hoje!

Portal: www.tempodepaz.com.br



A vida é muito parecida com um labirinto. Não é um caminho em linha recta, simples de ser percorrido. Precisamos de fazer escolhas o tempo todo, que nem sempre nos levam ao rumo certo. O medo de errar cria insegurança e preferimos confiar na orientação de pessoas que dizem conhecer melhor o trajeto.

Assim, corremos de um lado para o outro, seguindo conselhos de pessoas que garantem possuir a VERDADE que necessitamos de ouvir. O problema é que, muitas vezes, esses líderes (religiosos ou não) estão mais perdidos do que nós mesmos, levando-nos contra um muro ao acreditarmos nas suas indicações.

A frustração é tão grande que muitos decidem parar de ouvir os “guias” e percorrem o labirinto por conta própria, seguindo a sua intuição ou confiando na sorte. Não demora muito até perceberem que estão a andar em círculos, chegando à conclusão que todo o esforço para encontrar a saída é inútil.

Sabe qual é o segredo para conseguir sair de um labirinto real? É mais fácil do que imagina: basta encostar a mão numa das paredes e seguir em frente, sem nunca deixar de tocar a lateral. Mais cedo ou mais tarde, você irá chegar à saída. Parece demasiado simples, mas realmente funciona.

O segredo para vencer o labirinto da vida não é diferente. Se quer encontrar a saída, não pode depender das opiniões alheias ou da sua própria intuição. Precisa de se encostar na parede e não largar mais! As pessoas mentem, mudam de ideias e enganam-se. No entanto, a VERDADE é como um muro resistente, que permanece no lugar onde foi construído, suportando a acção do próprio tempo.

Esta revista irá ajudá-lo a tocar nesta parede por conta própria. Não precisa de acreditar mais nas interpretações dos outros sobre o que é certo ou errado. Você mesmo pode ter contacto directo com a VERDADE sólida que vai guiá-lo até ao fim, caso decida segui-la.

A solução do labirinto está ao seu alcance. Basta estender a mão.

ADVENTISTAS
DO SÉTIMO DIA
MOVIMENTO
DE REFORMA

VERDADES
QUE O TEMPO
NÃO APAGA

